

Os Outros de Nós *Los Otros de Nosotros*

Organizadores

Adriana Pereira

José Soares

Ilustrador

Élison Oliveira Xavier

Os Outros / Los Otros



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ – IFCE

Reitor

Jose Wally Mendonça Menezes

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Joélia Marques de Carvalho

Pró-Reitora de Ensino

Cristiane Borges Braga

Pró-Reitora de Extensão

Ana Claudia Uchôa Araújo

Pró-Reitor de Administração e Planejamento

Reuber Saraiva de Santiago

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Marcel Ribeiro Mendonça

EDITORA IFCE

Editor Executivo

Tiago Estevam Gonçalves

CONSELHEIROS NATOS

Ana Cláudia Uchoa Araújo

Cristiane Borges Braga

Joélia Marques de Carvalho

Sara Maria Peres de Moraes

Tiago Estevam Gonçalves

CONSELHEIROS TITULARES

Alisandra Cavalcante Fernandes de
Almeida

David Moreno Montenegro

Paula Patricia Barbosa Ventura

Josefranci Moraes de Farias Fonteles

Marcilio Costa Teixeira

Marieta Maria Martins Lauar

Barbara Suellen Ferreira Rodrigues

Sebastiao Junior Teixeira Vasconcelos

Nadia Ferreira de Andrade Esmeraldo

Auzuir Ripardo de Alexandria

Francisco Jose Alves de Aquino

Sandro Cesar Silveira Juca

Antonio Cavalcante de Almeida

Beatriz Helena Peixoto Brandao

Joao Eudes Portela de Sousa

Juliana Zani de Almeida

Glauber Carvalho Nobre

Rommulo Celly Lima Siqueira

Harine Matos Maciel

Maria Do Socorro de Assis Braun

Sarah Mesquita Lima

Jose Eranildo Teles do Nascimento

Igor De Moraes Paim

Nara Lidia Mendes Alencar

Meire Celedonio da Silva

Marilene Barbosa Pinheiro

Wendel Alves de Medeiros

Os Outros de Nós *Los Otros de Nosotros*

Organizadores

Adriana Pereira

José Soares

Ilustrador

Élison Oliveira Xavier

Os Outros / Los Otros

Fortaleza - CE, 2025

Os Outros de nós: los otros de nosotros. Organizadores: Adriana Teixeira Pereira; José Soares Filho.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – PRPI Editora IFCE – EDIFCE

As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

EDITORIA IFCE

Editor Executivo

Tiago Estevam Gonçalves

Editora Adjunta e Normalização

Sara Maria Peres de Moraes

Revisão

Marilene Barbosa Pinheiro

Júlio César Lima Moreira

Projeto Gráfico e Diagramação

Phabrica de Produções:

Alecsander Coelho, Daniela Bissiguini, Érsio Ribeiro, Kauê Rodrigues,
Paulo Ciola, Rebeca Tonello e Thiago Cordeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Editora IFCE - EDIFCE

094 Os Outros de nós: los otros de nosotros. / Organizadores: Adriana Teixeira Pereira e José Soares Filho. --. Fortaleza: EDIFCE, 2025.

59 p. il. (Coleção Vozes)

E-book no formato PDF 6.455 KB

ISBN: 978-65-84792-47-0 (e-book)

ISBN: 978-65-84792-48-7 (impresso)

DOI: 10.21439/EDIFCE.76

1. Poesia. 2. Contos. 3. Literatura brasileira. 4. Literatura ontológica. 5. Leitura espanhola. I. Pereira, Adriana Teixeira (org.). II. Soares Filho, José (org.). III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. IV. EDIFCE. V. Título.

CDD 869

Bibliotecária responsável: Sara Maria Peres de Moraes CRB N° 3/901



Contato

Rua Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426. Fone: (85)34012263 /
E-mail: edifce@ifce.edu.br / Site: editora.ifce.edu.br.

Al errar por las lentas galerías
Suelo sentir con vago horror sagrado
Que soy el otro, el muerto, que habrá dado
los mismos pasos en los mismos días.

¿Cuál de los dos escribe este poema
De un yo plural y de una sola sombra?
¿Qué importa la palabra que me nombra
Si es indiviso y uno el anatema?

Groussac o Borges, miro este querido
Mundo que se deforma y que se apaga
En una pálida ceniza vaga
Que se parece al sueño y al olvido.
(Borges, 2009)

Sumário

Apresentação	8
Presentación	10
Que escreve a tua escrita?	
Guilherme Esmeraldo	13
¿Qué escribe tu escrita?	
Guilherme Esmeraldo	15
Referências	
Isabella Bezerra Arrais	17
Referencias	
Isabella Bezerra Arrais	18
Luces atentas	
Isabella Bezerra Arrais	19
Luzes atentas	
Isabella Bezerra Arrais	19
Olhando ao sol	
Aline Teixeira	20
Mirando al sol	
Aline Teixeira	20
Nuvem de fevereiro	
Elissânia Oliveira	21
Nube de febrero	
Elissânia Oliveira	22
Casa da árvore	
Aline Teixeira	23
Casa del árbol	
Aline Teixeira	23

Memórias de um quase algo e seus devaneios	
José Soares Filho	25
Memorias de un casi y sus ensoñaciones	
José Soares Filho	29
O sol, a terra e a borboleta branca	
Guilherme Esmeralo	33
El sol, la tierra y la mariposa blanca	
Guilherme Esmeralo	35
A última vez	
Kai Lawrence	37
La última vez	
Kai Lawrence	41
Vai passar	
Alfonsina Pereira	45
Va a pasar	
Alfonsina Pereira	46
Ọkàn: oblivio et óneiro	
Natanaely Nunes	47
Ọkàn: oblivio et óneiro	
Natanaely Nunes	48
Chuva ácida	
Carlos Brito	49
Lluvia ácida	
Carlos Brito	50
Véu	
Maylla Rolim de Souza Araújo	51
Velo	
Maylla Rolim de Souza Araújo	52
Alegría versus felicidad	
Monyeli Rodrigues	53
Alegria versus felicidade	
Monyeli Rodrigues	53
Machu Picchu	
Benevides Teixeira	54
Machu Picchu	
Benevides Teixeira	56
Sobre os organizadores	59

Apresentação

Adriana Pereira e José Soares reúnem, na obra *Os Outros de Nós*, uma coletânea de poemas e contos cuja temática incide sobre a essência humana (dores, amores, desafios, superações, medos). Não essência como imutabilidade e permanência, conforme preceituam certas correntes filosóficas, visto que, entre os quinze textos produzidos por doze autores diferentes (pertencentes à comunidade interna e externa ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará) perpassam fios condutores que tecem a urdidura do livro: a existência de um lirismo mavioso e paradoxalmente incômodo e o fato de esses autores manterem entre si laços afetivos, estudantis e laborais. As temáticas se vinculam, constituindo um macrotexto no qual a transcendência une essência à existência, assim como reconhecimento de fazer parte da comunidade latina revela a importância do bilinguismo (Português e o Espanhol) com o qual o livro foi construído.

O livro é um manifesto que rompe com o maniqueísmo filosófico, literário e linguístico, dado que o ser humano é exposto em sua nudez poética, algo revelado pelo próprio título da obra: nós somos os outros, mas também somos nós mesmos: somos individuais, mas também somos coletivos. O uno de cada conto e poema habita por inferências e intertextualidade no conjunto dos demais. É uma obra do diálogo, da pluralidade de vozes que materializa a dialética da estética entre o conto e a poesia.

Ser poético em mundo caótico é buscar, não a ordem que sufoca ou esclarece os limites fronteiriços entre o real e o imaginário; mas é criar um espaço de encontro para seres pensantes, que mais do que verdades absolutas; dispõem-se a transformar a palavra no zênite e no nadir (territórios psicogeográficos por meio

dos quais o pensamento transcende o próprio ser e o existir).

Por isso, olhar o horizonte da palavra é reconhecer sua infinitude, concretude, simplicidade e complexidade, tal qual no poema “Escreve tua Escrita”, de Guilherme Esmeraldo. A tua escrita se torna minha quando a sublimação do eu lírico encontra-se com o carma e o darma do leitor. Retirando-o de águas turbulentas ou sacudindo-o em outras tantas necessárias à reconstrução do olhar sobre a vida.

Sim... A palavra em prosa, em poema e em verso são puro ato psicoterapêutico. Literatura é mais que arte, é a própria vida manifestada em sentimentos que saltam da inconsciência para a consciência.

No poema “Referências”, de Isabella Arrais, o êxtase é desejado em meio aos vendavais da vida e a autora reconhece o amor como rebeldia de nos bastarmos juntos e sozinhos, mesmo quando ofuscados e desorientados pelas “Luzes Atentas” (outro poema da mesma autora), nossa alma, insaciável anseia por mais...

O desejo por luz faz com que Aline Teixeira evidencie um eu lírico que se transforma em pássaros “Olhando para o sol” em busca de liberdade. Eles voam pela “Nuvem de Fevereiro”, de Elissânia Oliveira, e se embriagam na dança do amor, para, por fim, pousarem na Casa da Árvore (Aline Teixeira) e, pondo-se a brincar, findam por cumprir a missão mais séria do humano: reconhecer a si como o *homo ludens*, dimensão sem a qual o *homo sapiens* e o *homo faber* se desintegrariam completamente no *homo demens*.

Tal substância de demência é a representada nas “Memórias de um Quase Algo e seus Devaneios”, na qual José Soares enfrenta a descoberta e a não-descoberta de si, um ser entre o ir e o ficar, entre o amor e o medo de amar; um conto tão surreal quanto um Inácio Loyola de Brandão e tão intimista quanto uma Lispector... Tão existencial quanto o Ser e o Nada, no qual Sartre desnuda o vazio humano no barulhento da multidão, deixando como única solução, a realização de si através dos atos. Nessa obra, os atos representam a palavra que se faz arte, pois precisamos, para sobreviver, de literatura: respirada, comida, bebida e cheirada.

Essa transcendência de sentido é encontrada no calmo e leve conto de Guilherme Esmeraldo “O Sol, a Terra e a Borboleta Branca”, no qual uma borboleta apresenta questões fundamentais sobre as rotas humanas pelo orbe terrestre. Uma inferência ao conto musicado por Raul Seixas de uma borboleta que sonha ser um sábio chinês ou de um sábio chinês que pode ter sonhado ser borboleta. Nesse conto, não temos dúvida: a borboleta é sábia, pois é uma metáfora antropomórfica que alude à convivência do homem com outro homem e desses com a natureza.

Uma convivência e uma paz abaladas pela intensidade de Kai Lawrence, com o instigante “A Última Vez”: como sobreviver (ou não) a ranhuras profundas pelas dores provocadas por uma descoberta trágica da pergunta: somos todos sádicos, de algum modo? Temos como nos manter ilesos ao desejo de nos livrar dolorosamente da dor que nos incomoda, fazendo sofrer em medida maior ou em mesma moeda daquilo que padecemos? Ao obstar momentaneamente ou definitivamente qualquer juízo ético, cabe-nos interpelar sobre os (des) caminhos e desvios a que a literatura nos convida: pensar sobre o ser, muitas vezes, quando dele nos esquecemos ou fingimos não ver.

E você, caro amigo leitor, que lhe cabe ao perceber quando foi a última vez? A última vez vai passar? Quando passa a dor?

Quando dela nos esquecemos? Quando esquecemos de nós? “Vai passar” é a pergunta de Alfonsina... Enquanto não passa... Tentamos esquecer.

Tentar esquecer é o que faz Okàn em “Okàn: Oblivio Et Óneiro” (Natanaely Nunes), mas ele (o eu lírico) não consegue fazer isso, visto que fora castigado a lembrar de tudo. Ah... Se pudéssemos controlar o pensamento..., porém, não podemos... Será que não explodiríamos com tanta lembrança?

O receio de explodir está expresso em “Chuva Ácida” (Carlos Brito): um fardo carregado pelo peso do medo de estar acompanhado e também pela dor de estar sozinho. Os dois medos (eu e o outro) esperam que nos sintamos culpados por reações decorrentes da agressividade com que fomos tratados: clinicamente, exigem-nos meiguice.

Gritar denunciando essa violência é o que ocorre em “Véu” (Maylla Rolim), pois afeto, carinho e cuidado são os pretextos para cobrar do feminino (eu lírico desse conto), o sufocamento de ideias, opiniões e sonhos. Até quando?

A resposta não é simples, pois o desejo é que o fim chegue logo. Que fim? O fim da dor? O fim do sofrimento? O fim da vida? Que isso termine para que sejamos felizes? O que é a felicidade? O que é alegria? Monyelle Rodrigues nos dá asas em “Alegria versus Felicidade”, mas o voo é limitado pelas grades.

Ah... As grades... Essas serão rompidas quando chegarmos ao lugar sagrado. Em *Machu Picchu* (Benevides Teixeira), o eu lírico, os autores, eu e você que ora lemos o livro *Os Outros de Nós*, descobrimos que nossos pés são nossas asas e que liberdade é pô-los na estrada.

É por assim dizer que a Literatura é nossa companheira nessa viagem de autodescoberta.

Elisângela Ferreira Floro

Presentación

Adriana Pereira y José Soares se reúnen en la obra “Los Otros de Nosotros” para presentar una colección de poemas y cuentos cuya temática se centra en la esencia humana (dolores, amores, desafíos, superaciones, miedos). No se trata de una esencia entendida como inmutabilidad y permanencia según ciertas corrientes filosóficas, ya que entre los quince textos producidos por doce autores diferentes (pertenecientes a la comunidad interna y externa del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Ceará) se entrelazan hilos conductores que tejen la trama del libro: la existencia de un lirismo tierno y paradójicamente incómodo, así como el hecho de que estos autores mantienen lazos afectivos, estudiantiles y laborales entre sí. Las temáticas se vinculan, conformando un macrotexto en el cual la trascendencia une la esencia a la existencia, al igual que el reconocimiento de ser parte de la comunidad latina revela la importancia del bilingüismo (portugués y español), con el cual el libro fue construido.

El libro es un manifiesto que rompe con el maniqueísmo filosófico, literario y lingüístico, ya que el ser humano se expone en su desnudez poética, algo revelado por el propio título de la obra: nosotros somos los otros, pero también somos nosotros mismos: somos individuales, pero también somos colectivos. El uno de cada cuento y poema habita, por inferencias e intertextualidad, en el conjunto de los demás. Es una obra del diálogo, de la pluralidad de voces que materializa la dialéctica de la estética entre el cuento y la poesía.

Ser poético en un mundo caótico es buscar no el orden que sofoca o aclara los límites fronterizos entre lo real y lo imaginario; sino crear un espacio de encuentro para seres pensantes que, más allá de

verdades absolutas, están dispuestos a transformar la palabra en el cenit y el nadir: territorios psicogeográficos a través de los cuales el pensamiento trasciende el propio ser y existir.

Por eso, mirar el horizonte de la palabra es reconocer su infinitud, concreción, simplicidad y complejidad, tal como en el poema “Escribe tu Escrita”, de Guilherme Esmeraldo. Tu escritura se vuelve mía cuando la sublimación del yo lírico se encuentra con el karma y el dharma del lector, sacándolo de aguas turbulentas o sacudiéndolo en otras tantas necesarias para la reconstrucción de la mirada sobre la vida.

Sí... La palabra en prosa, poema y verso es un puro acto psicoterapéutico. La literatura es más que arte, es la propia vida manifestada en sentimientos que saltan de la inconsciencia a la conciencia.

En el poema “Referencias”, de Isabella Arrais, el éxtasis se desea en medio de los vendavales de la vida, y la autora reconoce el amor como rebeldía de bastarnos juntos y solos, incluso cuando estamos deslumbrados y desorientados por las “Luces Atentas” (otro poema de la misma autora); nuestra alma insaciable ansía por más...

El deseo de luz hace que Aline Teixeira destaque un yo lírico que se transforma en pájaros “mirando al sol” en busca de libertad. Vuelan a través de la “Nube de Febrero”, de Elissânia Oliveira, y se embriagan en la danza del amor, para finalmente posarse en la “Casa del Árbol” (Aline Teixeira) y, jugando, terminan cumpliendo la misión más seria del ser humano: reconocerse a sí mismo como el *homo ludens*, dimensión sin la cual el *homo sapiens* y el *homo faber* se desintegrarían completamente en el *homo demens*.

Esta sustancia de demencia está representada en las “Memorias de un Casi Algo y sus Devaneos”, en la cual José Soares enfrenta el descubrimiento y la no-descubierta de sí mismo, un ser entre el ir y el quedarse, entre el amor y el miedo de amar; un cuento tan surrealista como un Ignacio Loyola de Brandão y tan íntimo como una Lispector... Tan existencial como el Ser y la Nada, en el cual Sartre desnuda el vacío humano en el ruidoso de la multitud, dejando como única solución la realización de uno mismo a través de los actos. En esta obra, los actos representan la palabra que se convierte en arte, ya que necesitamos, para sobrevivir, de literatura: respirada, comida, bebida y olfateada.

Esta trascendencia de sentido se encuentra en el tranquilo y ligero cuento de Guilherme Esmeraldo: “El Sol, la Tierra y la Mariposa Blanca”, en el cual una mariposa plantea cuestiones fundamentales sobre las rutas humanas por el orbe terrestre. Se puede observar una inferencia al cuento musicado por Raul Seixas de una mariposa que sueña con ser un sabio chino o de un sabio chino que puede haber soñado con ser una mariposa. En este cuento, no hay duda: la mariposa es sabia, ya que es una metáfora antropomórfica que alude a la convivencia del hombre con otro hombre y de estos con la naturaleza.

Una convivencia y una paz sacudidas por la intensidad de Kai Lawrence, con el intrigante “La Última Vez”: cómo sobrevivir (o no) a las grietas profundas por los dolores provocados por un descubrimiento trágico de la pregunta: ¿todos somos sádicos, de alguna manera? ¿Podemos mantenernos ilesos al deseo de liberarnos dolorosamente del dolor que nos molesta, haciendo sufrir en medida mayor o en la misma moneda de lo que padecemos? Al obstruir momentánea o definitivamente cualquier juicio ético, nos corresponde interrogarnos sobre los (des)caminos y desvíos a los que la literatura nos invita: pensar sobre el ser, muchas veces, cuando nos olvidamos de él o fingimos no verlo.

Y tú, querido amigo lector, ¿qué te toca al darte cuenta de cuándo fue la última vez? ¿La última vez pasará? ¿Cuándo

pasa el dolor? ¿Cuándo nos olvidamos de él? ¿Cuándo nos olvidamos de nosotros? “Va a pasar” es la pregunta de Alfonsina... Mientras no pase... Intentamos olvidarlo.

Intentar olvidar es lo que hace *Okàn* en “*Okàn: Oblivio Et Óneiro*” (Natanaely Nunes), pero él (el yo lírico) no puede hacerlo, ya que ha sido castigado a recordar todo. Ah... Si pudiéramos controlar el pensamiento..., pero no podemos... ¿No explotaríamos con tantos recuerdos?

El temor de explotar se expresa en “Lluvia Ácida” (Carlos Brito): en donde vemos una carga llevada por el peso del miedo de estar acompañado y también por el dolor de estar solo. Ambos miedos (yo y el otro) esperan que nos sintamos culpables por reacciones derivadas de la agresividad con la que hemos sido tratados; cínicamente, nos exigen dulzura.

Gritar denunciando esa violencia es lo que ocurre en “Velo” (Maylla Rolim), ya que afecto, cariño y cuidado son los pretextos para exigir al femenino (yo lírico de este cuento) el sofocamiento de ideas, opiniones y sueños. ¿Hasta cuándo?

La respuesta no es sencilla, ya que el deseo es que el final llegue pronto. ¿Qué final? ¿El fin del dolor? ¿El fin del sufrimiento? ¿El fin de la vida? ¿Qué todo esto termine para que seamos felices? ¿Qué es la felicidad? ¿Qué es la alegría? Monyelle Rodrigues nos da alas en “Alegría versus Felicidad”, pero el vuelo está limitado por las rejas.

Ah... Las rejas... Estas serán derribadas cuando lleguemos al lugar sagrado. En “Machu Picchu” (Benevides Teixeira), el yo lírico, los autores, yo y tú que ahora leemos el libro “Los Otros de Nosotros” descubrimos que nuestros pies son nuestras alas y que la libertad es ponerlos en el camino.

Es por así decirlo de alguna manera que la Literatura es nuestra compañera en este viaje de autodescubrimiento.

Elisângela Ferreira Floro



Que escreve a tua escrita?

Guilherme Esmeraldo

1

Pensar sobre escrever
Talvez seja complicado
Deve ter no pensamento
Tudo aquilo já pensado
Que outrora já foi dito
Contudo não foi escrito
Ou que já fora rabiscado.

2

A escrita por si só
Não tem menor sentido
Escrever por escrever
Qual conteúdo será lido?
Por isso ao escrever
Temos que oferecer
Um assunto refletido.

3

Inerente ao ser humano
É a ação de reflexão
Explorar tema complexo
Com complexa compreensão
Faz parte do crescimento
Gerar o conhecimento
Que ajuda a população.

4

Sempre é interessante
Conhecer assunto novo
Os “causos” do dia a dia
Belas receitas de bolo
Ciências e Filosofia
Política e Astrologia
E fofoca que deu rolo.

5

Mas o ato de escrever
Para muitos, só condena
Escrever nem sempre é
Ter papel, tinta e pena
Escrever é construir
O que nos faz evoluir
Pra ter a passagem plena.

7

Escrever nesse sentido
Como faço neste cordel
É assumir uma missão
E a ela ser fiel
Trago na minha escrita
Uma voz que tanto grita
Seja você o papel!

9

Seja você o papel!
Molde a sociedade
Por amor entre irmãos
Empatia, Igualdade
Escreva a sua escrita
Com a força mais irrestrita
Use a sua liberdade!

10

Seja você o papel!
Uma folha ou uma parte
Escreva a sua escrita
E a torne um estandarte
Da nossa nação guerreira
Faça dela a sua bandeira
Com Educação e Arte.

6

Por exemplo, pense agora
Sobre escrever a história
De um homem ou mulher
De um povo, de sua glória
Suas lutas e conquistas
Seus mártires ativistas
Pra compor uma memória.

8

Você acha que é certo
Tolerar intolerância?
Permitir a injustiça?
Alienar-se à ignorância?
Destruir a inocência?
Coibir a incoerência?
Ostentar a abundância?



¿Qué escribe tu escrita?

Guilherme Esmeraldo

1

Pensar en escribir
Quizás sea complicado
Debes tener en mente
Todo lo que has pensado
Que ya ha sido dicho
Pero aún no ha sido escrito
Quizá fue garabateado.

2

La escritura por sí sola
No tiene sentido alguno
Escribir por escribir
¿Qué contenido será leído?
Por eso al escribir
Debemos ofrecer
Un tema discurrido.

3

Inherente al ser humano
Es la acción de reflexión
Explorar temas complejos
Con compleja comprensión
Es parte del crecimiento
Generar conocimiento
Que ayuda a la población.

4

Siempre es interesante
Conocer un tema nuevo
Las historias cotidianas
Las recetas de pastel
Ciencias y Filosofía
Política y Astrología
Y los chismes de intriga.

5

Pero el acto de escribir
Para muchos, solo condena
Escribir no siempre es
Tener papel, tinta y pluma
Escribir es construir
Lo que nos hace evolucionar
Para tener el paso pleno.

7

Escribir en este sentido
Como hago en este cordel
Es asumir una misión
Y a ella ser fiel
Traigo en mi escritura
Una voz que tanto grita
¡Sé tú el papel!

9

¡Sé tú el papel!
Moldea la sociedad
Por amor entre hermanos
Empatía, Igualdad
Escribe tu escritura
Con la fuerza más irrestricta
¡Usa tu libertad!

10

¡Sé tú el papel!
Una hoja o una parte
Escribe tu escritura
Y hazla un estandarte
De nuestra nación guerrera
Haz de ella tu bandera
Con Educación y Arte.

6

Por ejemplo, piense ahora
En escribir la historia
De un hombre o una mujer
De un pueblo, de su gloria
Sus luchas y conquistas
Sus mártires activistas
Para componer una memoria.

8

¿Tú Crees que es correcto
Tolerar la intolerancia?
¿Permitir la injusticia?
¿Alienarse a la ignorancia?
¿Destruir la inocencia?
¿Coartar la incoherencia?
¿Ostentar la abundancia?



Referências

Isabella Bezerra Arrais



Depois de todo vendaval
Se não for pedir demais
Agora quero brisa leve,

Quero controlar o espaço-tempo
E refutar todas as leis da física para
manter o tempo estático e congelar
esses segundos
Dentro da minha memória.

Não mais somente sonhar penhascos,
Nem dançar valsinhas.
Quero a alvorada do amor,
Pois ressignifiquei meu eu mulher.

Anseio não mais chegar só ao carço ao
me refazer,
Quero mastigar, engolir e cuspi-lo.

Não me interessa mais chegar ao tom,
quero desafinar por rebeldia,
escurecer.

O sol invade esse momento e com clari-
dão marca o instante.

O amor substantivo é o já.
E já que tudo é construção,
Construamos o nosso coletivo
e individual
Para nos bastarmos juntos e sozinhos.

Referencias

Isabella Bezerra Arrais

Después de toda tormenta
si no es pedir mucho
Ahora quiero brisa ligera,

Quiero controlar el espacio-tiempo
Y refutar todas las leyes de la física
para mantener el tiempo estático y
congelar esos segundos
Dentro de mi memoria.

Ya no solo soñar con acantilados,
No bailar valeses.
Quiero el amanecer del amor,
Porque resignifiqué mi yo mujer.

Anhelo no llegar más al carozo
al rehacerme,
Quiero masticar, tragar y escupirlo.

Ya no me interesa llegar al tono,
Quiero desafinar por rebeldía,
oscurecer.

El sol invade este momento y con claridad
marca el instante.

El amor sustantivo ya lo es.
Y ya que todo es construcción,
Construyamos el nuestro colectivo e
individual
Para ser suficiente juntos y solos.



Luzes atentas **Isabella Bezerra Arrais**

Luzes atentas
Brilham no ambiente
Desorientam.

Luces atentas **Isabella Bezerra Arrais**

Luces atentas
Brillan en el ambiente
Desorientan.

Olhando ao sol

Aline Teixeira

Olhando ao sol
Pássaros distantes
Voo da liberdade

Mirando al sol

Aline Teixeira

Mirando al sol
Pájaros lejanos
Vuelo de la libertad.



Nuvem de fevereiro

Elissânia Oliveira



Foi assim na folia
Como também em câmera lenta
Do bailar dos corpos ébrios
Uma música
Uma cerveja
Um beijo

Foi assim de mansinho
Como também de supetão
Das tantas da madrugada
Um pedido
Um sussurro
Um por que não?

Foi assim com intensidade
Como também com calma
Das luzes entrando pela janela
Um raio
Uma lua
Um brilho

Foi assim de preencher coração
Como também de conectar mente
Nas infinitas possibilidades
Um amor
Um sol
Uma nuvem

Nube de febrero

Elissânia Oliveira

Fue en la juerga
Como también en cámara lenta
El bailar de los cuerpos ebrios
Una música
Una cerveza
Un beso

Fue de quietito
Como también de repente
A las tantas de la madrugada
Un pedido
Un susurro
Un ¿por qué no?

Fue con intensidad
Como también con calmaría
De las luces entrando por la ventana
Un rayo
Una luna
Un brillo

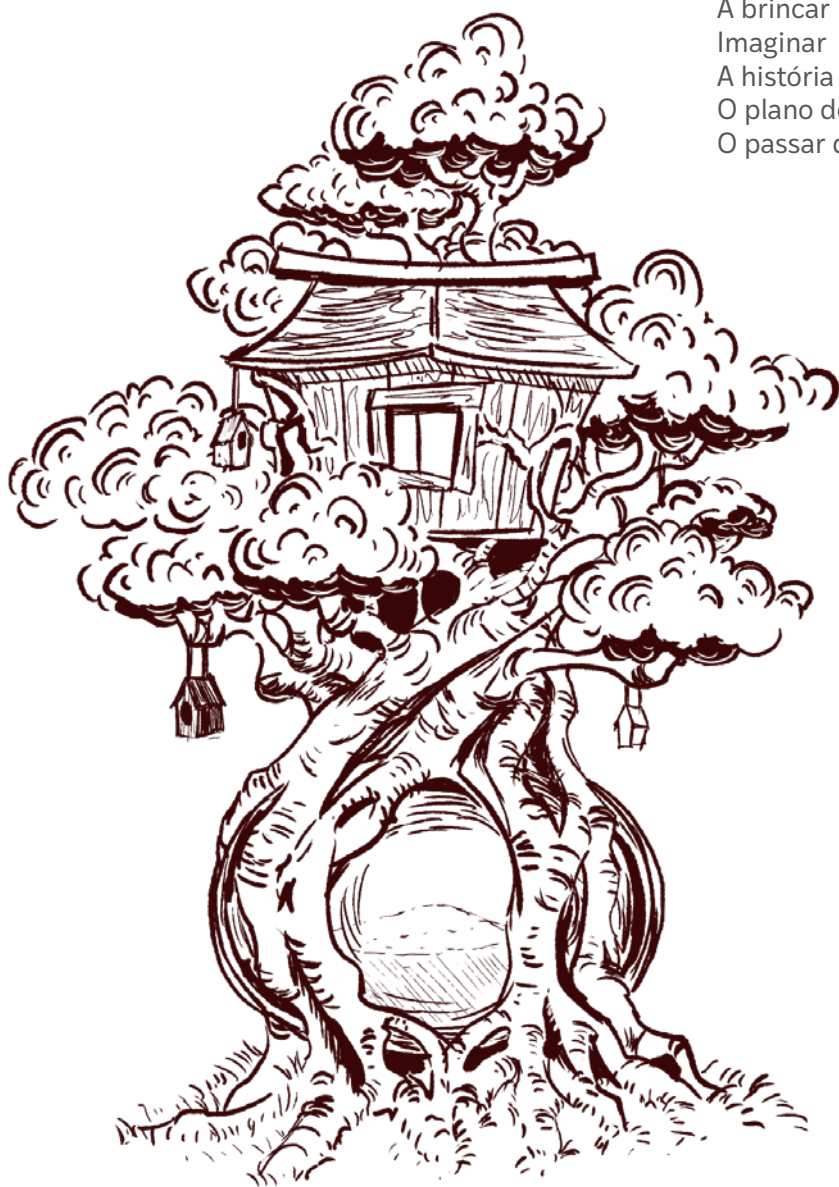
Fue de llenar corazón
Como también de conectar mente
En las infinitas posibilidades
Un amor
Un sol
Una nube



Casa da árvore

Aline Teixeira

A árvore
A casinha
A brincar
Imaginar
A história
O plano de vida
O passar do tempo



Casa del árbol

Aline Teixeira

Él árbol
La casita
A jugar
Imaginar
La historia
El plan de vivencia
El paso de tiempo



Memórias de um quase algo e seus devaneios

José Soares Filho

[...],

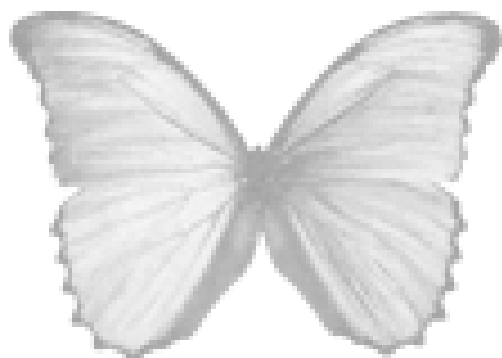
[...],

[...],

[:]...

Ele tem o dom, ou por que não o destino, de destruir tudo o que toca. Sim, ou não, ainda é uma imagem confusa. A profusão de ideias paira sobre sua mente. Ele, ou eles, T(ê)M a habilidade de transformar tudo em dor. Mas por quê? Por que dói? Talvez seja como dizem os poetas e pensadores: há uma linha tênue entre o amor e a dor. Ou talvez um dependa do outro para existir... sim, é isso. Chegamos a uma conclusão. Ele vai narrar, mas sem dedos como canal físico das suas emoções. Aquelas que só ele sente, aquelas que nem ele entende. As que pairam, silenciosa e incontrolavelmente, e que quase sempre caem de forma estrondosa.

Ele quer o silêncio, a suavidade e a doçura. Mas, ao mesmo tempo, clama por atenção. Sinceramente, caros leitores, ele é muito confuso, não entende a si mesmo. Acho que está na hora de EU tomar as rédeas e fazer algo, ou não... pensando bem, vou! Tendo em vista a sua situação, não acho cabível que ele narre a própria história, portanto vos acompanharei desde antes. Eu sou aquilo que é e que há de ser, mas também sou o que fui. Eu vejo tudo, a todos em quase todos os lugares; sou efêmera como um floco de neve e eterno como... bem, como eu mesma, claro. Tenho muitos nomes, e sou temida por muitos homens. Mas essa história não é sobre mim. Falarei sobre aquilo que vi de Poul.



Por que não começar com o clássico “era uma vez”? Sim, era uma vez o barulho. O barulho se fez no princípio, era sem forma e vazio. Ele vinha quase sempre visitar o jardim onde nosso personagem morava. Lá viviam Poul e seus dois irmãos. Ambos eram órfãos, tudo o que tinham era um ao outro. O mais velho, aquele que protegia e zelava por tudo, era o mais cansado dos três. Quando o barulho aparecia, ele travava lutas incansáveis para proteger o jardim e seus dois irmãos mais novos. Seu nome é Menelaus, sempre que algo de ruim acontecia ele estava lá de prontidão. Menelaus tinha a peculiaridade de ser um humano com longas asas azuis e tinha uma coroa de orquídeas de ouro que usava como arma contra o silêncio, suas asas eram tão belas e reluzentes quanto a luz da lua em seu ápice noturno.

Mas Menelaus tinha um coração como de passarinho e sempre estava muito cansado. Às vezes, adoecia e ficava muitos dias longe, em uma parte do jardim que Poul não tinha acesso. Quando ele se cansava, a irmã do meio, com seu doce sorriso, e sempre disposta a ajudar, cantava uma melodia com acordes maiores, com alguns acidentes em sustenido, nunca em bemol! Ela parecia ter um ouvido absoluto e, quando precisava, jogava um bequadro na canção. É incrível, me deixa arrepiada só de imaginar! Parecia algo como um pedaço de felicidade em forma de som! Lembro-me bem de sua face. Ah, doce menina, tão ingênua, tão meiga, tão gentil, tão agradável, agradávelíssima, superlativa e absoluta, nunca excedente. Estava sempre disposta a ajudar, era como se sua música curasse, mas o segredo estava no sorriso. Ah, e que sorriso lindo! Lembro-me de quando a vi com aquele vestido azul. Como esquecer aquele dia? Ela me olhou fundo nos olhos e me beijou a face. Ela não tinha medo de mim. Se pelo menos soubesse, pobre moça... Estavam fugindo, ela e seus irmãos. E, no meio do caminho, ela me beijou. Nunca alguém tinha feito isso comigo antes. Mas eu não entendo, nunca entendi. Nem nos conhecemos, nem me disse seu nome. Mas sinto que não precisamos nos apresentar, é como se já soubéssemos da existência um do outro, através de Poul. Sinto falta de nossas conversas, e do sorriso que ela dava ao cantar músicas, com palavras, com letras, com a semivogal *i*. Ela sempre cantava quando não estava correndo. Ela me olhou, olhos nos olhos e, dessa vez, sua boca convidou a minha para fazer festa. Dá pra acreditar? Logo a mim? Tive receio que ela percebesse o frio, mas estava tudo congelado naquele jardim que era como se não fizesse diferença. Até hoje me pergunto o porquê, acho que ela não queria que eu esquecesse. Eu sempre esqueço, apesar de eterna, sou efêmera e tenho curta a memória.

Decidi deixar Poul e seus irmãos presos em um *loop*, não queria perdê-los, queria (re)tê-los a mim. Disse-lhes: “permaneçam na forma incompleta”. Pergunto-me o que poderia ser essa forma, essa incompletude. Não deve ser difícil de saber, afinal, é só pensarmos o oposto: poderia o ser humano, com toda sua imperfeição, chegar em um estado de completude, perfeição e imobilidade? O que você acha, caro leitor? Talvez nunca saiba sua resposta, talvez nunca encontre uma satisfatória. Penso que a incompletude de vocês se constrói à medida em que vivem, talvez tenha sido isso que eu quisera ter dito, só talvez. “Permaneça vivo”. Mas por que a palavra “forma”? Qual seria a forma da vida? Um dia, quem sabe, eu revele? Sou muito misteriosa. Até lá, *aproveite o dia e confie pouco no amanhã*, vamos “seguir o baile” como se diz nos tempos de hoje. Acho que posso chamá-la de Sylvia. Sim, não sei seu nome. Então, esse é meu presente a ela, um nome. Algo simples, mas importante.

Nosso Poul é muito calado. E, como eu disse, sua mente é muito confusa e, às vezes, turbulenta. Não o culpo. Na verdade, eu me culpo. Me culpo porque hoje ele não consegue mais falar, se expressar ou usar a linguagem a seu favor. Por isso, ele não avisa, chega silencioso... seu silêncio para até a mais doce canção da Sylvia, logo tudo esfria. O ar é envolto por uma atmosfera de vazio, tudo para, tudo parece se completar, menos ele. Logo, a neve cai no jardim, os animais se recolhem, e das árvores caem os botões, poucas plantas sobrevivem a esse frio. Ele costumava cantar e tocar com sua irmã, mas algo lhe foi tirado, não foi culpa minha, e foi, pois não consegui fazer meu trabalho como deveria. Estou cansada de trabalhar com isso todas as vidas, mas quem mandou inventar de fazer as coisas, né? Depois do que aconteceu no início dessa história ele ficou silencioso. Não se recorda? Pois refrescarei sua memória:

“[...],

[...],

[...],

[...];”

Ele é silencioso não pela ausência de som, mas pela incapacidade de percebê-lo ou emití-lo. Quando chega, vem e põe seus dois irmãos pra dormir, deixando o jardim vulnerável ao barulho... Ele não parece fazer por mal, é complicado... Ele ainda sorri; o riso afasta o barulho. Ama seus irmãos, mas sempre quando vem os põe para dormir e os guarda no mais profundo e oculto do jardim. Há meses não vejo a Sylvia e seu irmão Menelaus. Há meses não há primavera nem verão. O jardim ficou preso no entremeio do *outoverno*, onde quase sempre predomina o frio, tudo aquilo que é acinzentado. O Poul gosta do frio, ele precisa do frio. Ajuda a manter tudo calmo. Ele gostaria de achar um caminho e que seus irmãos pudessem estar com ele. Será se é possível? O *amor-perfeito*, disse Calíope, antes de partir, ele é o caminho. Mas, desde que a neve chegou, ficou difícil achar amor-perfeito ali. Quanto mais Poul se aproximava, mais ele afastava o amor-perfeito. Ele necessita de calor, da luz de Menelaus, mas seu mundo, o jardim, estava congelado, e Menelaus fraco e doente. Poul era silencioso demais e não conseguia conviver com seu irmão. O frio não lhe doía; o calor, sim.

Hoje, fica a admirar a lua. Talvez seja ela a única que entenda a sua solidão, ela o inspira todo mês e ele canta pra ela S I L E N C I O S A M E N T E. Silenciosamente, ele chora, ele grita, ele uiva pra lua. Mas, mesmo a lua muda, muda, muda, muda e louP fica só. Assim, só assim, assim só. Enquanto isso, canta silenciosamente para seus irmãos e certifica-se de que tudo fique bem, que a forma incompleta perdure a eternidade, assim como eu planejei.

E perduraria, se o floco de neve não aparecesse nas pétalas da última flor a desabrochar no canto onde os irmãos de Poul repousavam, ali estava o *amor perfeito*. O amor-perfeito, ou *viola tricolor*, como chamam os cientistas, era uma das poucas flores que brotavam no jardim, junto com uma pequena quantidade de papoulas que Poul cultivava para seus momentos de solidão recreativa. Até porque quase tudo em sua quase vida se resumia em solidão.

Pois bem, mais uma vez ele escuta a voz de Calíope. Dessa vez a irradiar do globo de neve. Ao olhar para dentro do globo vê como a silhueta de uma mulher - era Calíope?

— Paulo? Paulo? Por favor me responda! Precisamos de sua ajuda, ok? Se você estiver ouvindo, tente mexer sua mão.

Parecia que ela estava presa no globo de neve. Mas quem era esse Paulo? Ele não o conhecia, nunca ouvira a seu respeito e nem ao menos tinha ideia de alguém que pudesse sê-lo. As únicas pessoas que conhecia eram sua irmã Sylvia, seu irmão Menelaus e a doce e misteriosa Calíope. Mas, dessa vez conseguia ver uma mulher de branco, como um anjo, e algumas linhas azuis se formavam junto aos amores-perfeitos e ao globo de neve que tinha em suas mãos. Nesse momento, passado, presente e futuro se fundiram em um só.

Sentiu aquele gentil anjo tocar seu corpo e, pouco tempo depois, um formigamento muito intenso. Tudo começa a avermelhar-se, era difícil distinguir. Ele só conhecia os tons frios e neutros do azul e do cinza, com exceção ao amor-perfeito, que lhe dava rosa, violeta e amarelo. Até mesmo as papoulas eram opacas e sem cor, sem vibração!

Alizarina? Carmesim? Coral? Brilhante? Cardeal? Ruby? Escarlata? Era difícil definir qual tom de vermelho estava ali, eram muitos! Então o jardim começa a derreter e Sylvia e Menelaus são levados pela correnteza que se forma. O barulho e o silêncio também. Então, o vermelho, a água vermelha como sangue, vai embora. Com ela, o anjo também some. Poul sente muita dor, e conhece o vazio. Não há mais jardim, só há escuridão.

Poul perde a consciência. E durante muitas horas fica como uma máquina desligada, sem energia, sem utilidade, mobilidade e funcionalidade. Um corpo deitado sob uma mesa cirúrgica, estático, imóvel, ao menos estava estável. Poul, ou Paulo, acabara de passar por mais uma cirurgia.

Acontece que ele sofreu um acidente, que resultou em um grave traumatismo cranioencefálico. Eu não tive forças para levá-lo comigo ao outro lado. Paulo era um jovem biólogo promissor com muito a viver. Deixei que sua alma permanecesse em seu corpo e observei como sua mente o manteve quase, quase vivo/quase morto durante esse tempo. Infelizmente não posso deixar que ele lembre das coisas que “viveu” em sua quase morte. Você consegue me entender, não é mesmo? Ele seria taxado como louco, enlouqueceria ou morreria. O fato é que me afeiçoei muito às personas que ele criou. Um dia nos reencontraremos. Por enquanto, ele viverá nos braços de Calíope, como primo-irmão, ambos fruto da Mnemosine.

Memorias de un casi y sus ensoñaciones

José Soares Filho

[...],

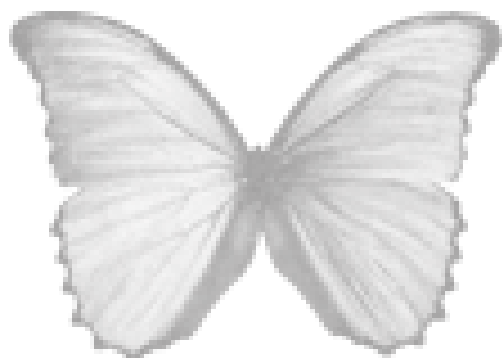
[...],

[...],

[:]...

Él tiene el don, o quizás el destino, de destruir todo lo que toca. Sí o no, todavía es una imagen confusa. La profusión de ideas planea sobre su mente. Él o ellos tienen la habilidad de transformar todo en dolor. ¿Por qué? ¿Por qué duele? Tal vez sea como dicen los poetas y pensadores: hay una línea muy tenue entre el amor y el dolor. Quizás uno dependa del otro para existir... Sí, eso es. Llegamos a una conclusión. Él va a narrar, pero sin dedos como canal físico de sus emociones. Aquellas que solo él siente, aquellas que igual no entiende. Aquellas que flotan, silenciosas e incontrolablemente, y casi siempre se caen de forma estruendosa.

Él quiere el silencio, la suavidad y la dulzura. Pero al mismo tiempo clama por atención. Sinceramente, queridos lectores, él es muy confuso, no se entiende a sí mismo. Creo que es hora de que YO tome las riendas y haga algo, o no... pensándolo bien, ¡lo haré! Dado su estado, no creo que sea adecuado que él narre su propia historia, por lo tanto, los acompañaré desde antes. Yo soy aquello que es y que será, pero también soy lo que fui. Veo todo y todos, en casi todos los lugares. Soy efímero como un copo de nieve y eterno como... bueno, como yo misma, por supuesto. Tengo muchos nombres y soy temida por muchos hombres. Pero esta historia no se trata de mí. Hablaré sobre lo que vi de Poul.



¿Por qué no empezar con el clásico “Érase una vez”? Sí, érase una vez el ruido. El ruido se hizo al principio, sin forma y vacío. Venía casi siempre a visitar el jardín donde vivía nuestro personaje, Poul, y sus dos hermanos. Ambos eran huérfanos, lo único que tenían era el uno al otro. El mayor, aquel que protegía y velaba por todo, era el más cansado de los tres. Cuando el ruido aparecía, luchaba incansablemente para proteger el jardín y sus dos hermanos menores. Su nombre es Menelaus. Siempre estaba allí, de inmediato, cuando algo malo sucedía. Menelaus tenía la peculiaridad de ser un humano con largas alas azules y una corona de orquídeas de oro que usaba como arma contra el silencio. Sus alas eran tan hermosas y relucientes como la luz de la luna en su apogeo nocturno.

Pero Menelaus tenía un corazón como de pajarito y siempre estaba muy cansado, a veces enfermaba y se alejaba durante muchos días en una parte del jardín a la que Poul no tenía acceso. Cuando se cansaba, la hermana del medio, con su dulce sonrisa, siempre dispuesta a ayudar, cantaba una melodía en acordes mayores, con algunos accidentes en sostenido, ¡nunca en bemol! Parecía tener un oído absoluto y, cuando era necesario, lanzaba un becuadro en la canción. ¡Es increíble! Me eriza solo de imaginarlo. Parecía algo así como un pedazo de felicidad en forma de sonido. Recuerdo bien su rostro. ¡Ah, dulce niña! Tan ingenua, tan amable, tan agradable, agradabilísima, en grado superlativo y absoluto, nunca excedente. Siempre estaba dispuesta a ayudar, como si su música curara, pero el secreto estaba en la sonrisa. ¡Ah, qué hermosa sonrisa! Recuerdo cuando la vi con ese vestido azul. ¿Cómo olvidármelo ese día? Ella me miró profundamente a los ojos y me besó la cara. No tenía miedo a mí, sí al menos supiera, pobre chica... Estaban huyendo, ella y sus hermanos. Y en el transcurso del camino, ella me besó. Nunca nadie me había hecho eso. Pero no entiendo, nunca lo he entendido. No nos hemos conocido, tampoco me ha dicho su nombre. Pero siento que no necesitamos presentarnos, es como si ya supiéramos de la existencia uno del otro a través de Poul. Echo de menos nuestras conversaciones y la sonrisa que ella me daba al cantar canciones, con palabras, con letras, con la semivocal “i”. Siempre cantaba cuando no estaba corriendo. Me miró a los ojos y esta vez su boca invitó a la mía a hacer una fiesta. ¿Se puede creer en eso? ¿A mí, justo a mí? Tuve miedo de que notara el frío, pero todo estaba congelado en ese jardín como si no importara. Hasta el día de hoy me pregunto el porqué, creo que no quería que yo olvidara. Siempre lo olvido, aunque eterna y efímera, mi memoria es corta.

Decidí dejar a Poul y a sus hermanos atrapados en un bucle, no quería perderlos, quería (re)tenerlos para mí. Les dije: “permanezcan en forma incompleta”. Me pregunto qué podría ser esa forma, esa incompletitud. No debe de ser difícil saberlo, después de todo, es solo pensar en lo opuesto: ¿podría el ser humano, con toda su imperfección, llegar a un estado de plenitud, perfección e inmovilidad? ¿Qué opinas, querido lector? Quizá nunca sabré la respuesta, o quizá nunca encuentre una satisfactoria. Creo que la incompletitud de ustedes se construye a medida que viven, quizá eso fue lo que quería decir, quizá. “Permanezcan vivos”, pero ¿por qué la palabra “forma”? ¿Cuál sería la forma de la vida? Un día, tal vez, lo revele. Hasta entonces, *disfruten el día y confíen poco en el porvenir*. “Seguimos adelante”, como dicen en estos tiempos. Creo que puedo llamarla Sylvia. Sí, así la llamaré. Ya que no sé su nombre, este es mi regalo, un nombre. Algo simple, pero importante.

Nuestro Poul es muy callado. Y como he dicho, su mente es muy confusa y a veces turbulenta. No lo culpo. En realidad, me culpo a mí. Me culpo porque hoy él ya no puede hablar, expresarse o usar el lenguaje a su favor. Por eso, él no avisa, llega silencioso... su silencio detiene incluso la más dulce canción de Sylvia, y todo se enfría. El aire se pone envuelto en una atmósfera de vacío, todo se detiene, todo parece completarse, menos él. Pronto, la nieve cae en el jardín, los animales se recogen y caen los botones de los árboles, pocas plantas sobreviven a este frío. Solía cantar y tocar con su hermana, pero algo le ha sido arrebatado, no ha sido culpa mía, y sí, ha sido, porque no he podido hacer mi trabajo como debería. Estoy cansada de trabajar con eso todas las vidas, pero ¿quién me ha mandado meterme a hacer las cosas, no? Después de lo que sucedió al comienzo de esta historia, él se quedó en silencio. ¿No lo recuerda? Permítame refrescarle la memoria:

“[...],

[...],

[...],

[...];”

Es silencioso no por la ausencia de sonido, sino por la incapacidad de percibirlo o emitirlo. Cuando llega, hace dormir a sus dos hermanos dejando el jardín vulnerable al ruido. Él no parece hacer daño, es complicado. Todavía sonríe, la risa aleja el ruido. Ama a sus hermanos, pero siempre que llega los hace dormir y los guarda en lo más profundo y oculto del jardín. Hace meses que no veo a Sylvia y a su hermano Menelaus. Hace meses que no hay primavera ni verano. El jardín quedó atrapado en un limbo de otoño-invierno, donde casi siempre predomina el frío y todo es grisáceo. A Poul le gusta el frío, lo necesita para mantenerse calmo. Él quisiera encontrar un camino para que sus hermanos pudieran estar con él. ¿Será posible? Los pensamientos, dijo Calíope antes de partir, son el camino. Pero desde que llegó la nieve, se volvió difícil encontrar pensamientos ahí. Cuanto más se acercaba Poul, más se alejaban los pensamientos. Él necesita el calor, de la luz de Menelaus, pero su mundo estaba congelado y Menelaus estaba débil y enfermo. Pero Poul era demasiado silencioso y no podía convivir con su hermano. El frío no le dolía, el calor sí.

Hoy se pone a admirar la luna. Tal vez ella sea la única que comprenda su soledad, ella lo inspira cada mes y él canta para ella S I L E N C I O S A M E N T E. Silenciosamente, él llora, grita y aúlla a la luna. Pero, incluso la luna muda, muda, muda, muda y louP se queda solo. Así, solo así, así solo. Mientras tanto, canta silenciosamente para sus hermanos y se asegura de que todo esté bien, que la forma completa perdure por la eternidad, tal como yo lo planeé.

Y persistiría, si no fuera por el globo de nieve que apareció en los pétalos de la última flor que florecía en la esquina donde descansaban los hermanos de Poul, allí estaban los pensamientos. La flor de pensamiento, o *viola tricolor hortensis*, como lo llaman los científicos, era una de las pocas flores que crecían en el jardín, junto con una pequeña cantidad de amapolas que Poul cultivaba para sus momentos de soledad recreativa. Después de todo, casi todo en su vida se reducía a la soledad.

Bien, una vez más escuchó la voz de Calíope. Esta vez estaba irradiando desde el globo de nieve. Al mirar dentro del copo ve la silueta de una mujer: ¿era Calíope?

¿Paulo? ¿Paulo? ¡Por favor, contesta! Necesitamos tu ayuda, ¿ok? Si puedes escucharme, intenta mover tu mano.

Parecía que estaba atrapada en el globo de nieve. Pero ¿quién era este Paulo? No lo conocía, nunca había oído hablar de él y ni siquiera tenía idea de alguien que pudiera serlo. Las únicas personas que conocía eran su hermana Sylvia, su hermano Menelaus y la dulce y misteriosa Calíope. Pero esta vez podía ver a una mujer vestida de blanco, como un ángel, y algunas líneas azules que se formaban junto a las flores pensamiento y el globo de nieve que tenía en sus manos. En este momento, pasado, presente y futuro se fusionaron en uno solo.

Sintió aquel gentil ángel tocar su cuerpo y, poco después, un hormigueo muy intenso. Todo empezó a ponerse rojo, era difícil distinguir. Él solo conocía los tonos fríos y neutros del azul y del gris, con excepción del pensamiento, que le daba rosa, violeta y amarillo. ¡Incluso las amapolas eran opacas y sin color, sin vibración!

¿Alizarina? ¿Carmesí? ¿Coral? ¿Brillante? ¿Cardenal? ¿Rubí? ¿Escarlata? Era difícil definir qué tono de rojo estaba allí, eran muchos. Entonces el jardín comienza a derretirse y Sylvia y Menelaus fueron arrastrados por la corriente que se formaba. El ruido y el silencio también los seguían. Entonces el rojo, el agua roja como la sangre, se fue. Con ella, el ángel desapareció. Poul, con mucho dolor conoció el vacío. Ya no había jardín, solo había oscuridad.

Poul perdió la conciencia. Y durante muchas horas permaneció como una máquina apagada, sin energía, sin movilidad y funcionalidad. Un cuerpo acostado sobre una mesa quirúrgica, estático, inmóvil, al menos estaba estable. Poul, o Paulo, había acabado de pasar por otra cirugía.

Sucedió que sufrió un accidente que resultó en un grave traumatismo craneoencefálico. No tuve fuerzas para llevarlo conmigo al otro lado. Paulo era un joven biólogo prometedor con mucho por vivir. Dejé que su alma permaneciera en su cuerpo y observé cómo su mente lo mantuvo casi vivo/casi muerto durante todo este tiempo. Lamentablemente, no puedo permitir que recuerde las cosas que “vivió” en su casi muerte. Me entiendes, ¿verdad? Sería etiquetado como loco, se volvería loco o moriría. El hecho es que me encariñé mucho con las personas que creó. Algún día nos reencontraremos. Por ahora, vivirá en los brazos de Calíope, como primo-hermano, ambos hijos de Mnemosine.

O sol, a terra e a borboleta branca

Guilherme Esmeralo

No espaço celeste, em um tempo indeterminado, dois astros amigos, o Sol e a Terra, iniciaram um diálogo.

O Sol observou que a Terra estava mudada. Sua aparência mudara: já não havia nuvens brancas; as terras estavam destruídas, com muitas construções desordenadas, florestas devastadas e paisagens desertificadas; os mares e o ar poluídos; fauna e flora escassas. Preocupado com a amiga, perguntou-lhe se estaria tudo bem.

A Terra, por sua vez, agradeceu a preocupação do amigo Sol e, tentando se justificar, disse que a mudança se deu de forma rápida (talvez por isso só naquele momento ele tenha notado). Disse que vem passando por uma tempestade, cujas gotas vêm inundando e alterando a paisagem. A tempestade a que ela se referia se autointitulava de “humanidade”.

O Sol, sem compreender, questionou como seria possível que uma única espécie do reino animal tivesse tamanha força capaz de produzir tão expressiva transformação, em tão curto espaço de tempo.

A Terra, que já havia refletido sobre, disse que essa espécie era diferente das demais: que a sua habilidade de destruição é resultante e proporcional ao de um poder maior, o da “criação”. Ela observou que a espécie humana inicialmente utilizou esse poder para explorar a natureza para garantir sua sobrevivência. Mas, ao se estabelecer, quando a sobrevivência deixou de ser uma variável na equação da vida, os atos criativos se modificaram. A “criação” passou a ser utilizada pela humanidade de várias formas; ora para o bem, ora para a sua própria destruição, sendo que os maiores impactos se deram no seu ambiente.

Passando por ali, uma borboleta branca, que, em muitas culturas, simboliza um espírito de luz, um anjo ou um mensageiro do mundo espiritual, escutou parte da conversa e se interessou pelo assunto. Dessa maneira, ela pediu licença aos amigos astros e se juntou à conferência:

- Amigos Sol e Terra, saudações. Se me permitirem, gostaria de agregar alguma explicação à questão proferida pelo astro do dia. Em minhas passagens entre mundos físico e espiritual, nas mais diversas eras da existência da humanidade, tive a mesma percepção da nossa amiga Terra. Porém, ao contrário dos amigos, a minha percepção se deu de maneira micro, visto que o tempo celestial, que é o seu tempo, é tão amplo que arrisco dizer que, para mim, talvez seja atemporal.



Continua a Borboleta: — Sendo mais objetiva: nas minhas passagens, vi que o que chamamos de “criação” é realmente uma faculdade dos humanos, ainda que limitada, e eles chamam-na de “conhecimento”. Segundo vi na evolução da humanidade, o conhecimento passou a ser representado de formas variadas e ampliado com diferentes tipos de origens, tais como época, localidade e objetivo, e passou também a ser perpetuado por entre suas gerações. Vi ainda que o seu conhecimento tem potencial para ser ilimitado, pois pode tratar desde fundamentos e causas, até sentido e finalidade.

A pequena borboleta, seguindo em seu relato, afirmou que, mesmo fascinada com a humanidade, por ela ter despertado para o conhecimento, acredita que somente haverá harmonia na Terra quando eles (os humanos) compreenderem a natureza da sua própria existência. E que somente transcendendo essa essência é que se poderá chegar à plenitude do conhecimento.

O Sol, contente e satisfeito com a exposição da pequena entidade, agradeceu-a. E desejando boa sorte à amiga Terra, fez votos de que o tão precioso “conhecimento” da humanidade alcance a essência da “criação”.

El sol, la tierra y la mariposa blanca

Guilherme Esmeralo

En el espacio celeste, en un tiempo indeterminado, dos astros amigos, el Sol y la Tierra, iniciaron un diálogo.

El Sol observó que la Tierra había cambiado. Su apariencia había cambiado: ya no había nubes blancas; las tierras estaban destruidas, construcciones desordenadas, bosques devastados y paisajes desérticos; los mares y el aire estaban contaminados; la fauna y la flora eran escasas. Preocupado por su amiga, se lo preguntó si todo estaba bien.

La Tierra, agradeciendo la preocupación de su amigo Sol, tratando de justificarse, se lo dijo que el cambio fue rápido (tal vez por eso no lo había fijado). Dijo que estaba pasando por una tormenta cuyas gotas estaban inundando y cambiando el paisaje. La tormenta a la que se refería se llamaba “humanidad”.

El Sol, sin entender, se lo preguntó cómo era posible que una única especie del reino animal tuviera tanta fuerza capaz de producir una transformación tan significativa en tan corto tiempo.

La Tierra, que ya había reflexionado sobre ello, dijo que esta especie era diferente de las demás. Añadió que su habilidad destructiva era el resultado proporcional a un poder mayor, el de la “creación”. Observó que la especie humana inicialmente utilizó este poder para explotar la naturaleza para garantizar su supervivencia. Pero al establecerse, cuando la supervivencia dejó de ser una variable en la ecuación de la vida, los actos creativos cambiaron. La “creación” comenzó a ser utilizada por la humanidad de varias formas: a veces para el bien, a veces para su propia destrucción, y los mayores impactos han ocurrido sobre el medio ambiente.

Al pasar por allí, una mariposa blanca, que en muchas culturas simboliza un espíritu de luz, un ángel o un mensajero del mundo espiritual, escuchó parte de la conversación y se interesó por el tema. De esta manera, pidió permiso a sus amigos astros y se unió a la conferencia:

— Amigos Sol y Tierra, saludos. Si me lo permiten, me gustaría agregar alguna explicación a la cuestión proferida por el astro del día. En mis pasajes entre los mundos físico y espiritual, en las más diversas eras de la existencia de la humanidad, he tenido la misma percepción de nuestra amiga Tierra. Sin embargo, al contrario de los amigos, mi percepción se dio de manera micro, ya que el tiempo celestial, que es su tiempo, es tan amplio que me arriesgo a decir que, para mí, tal vez sea atemporal.



Continuó la Mariposa:

— Siendo más objetiva, en mis pasajes vi que lo que llamamos “creación” es realmente una facultad de los humanos, aunque limitada, y ellos la llaman “conocimiento”. Segundo lo que he visto en la evolución de la humanidad, el conocimiento pasó a ser representado de formas variadas y ampliado con diferentes tipos de orígenes, tales como época, localidad y objetivo; y también ha llegado a perpetuarse entre generaciones. He visto también que su conocimiento tiene potencial para ser ilimitado, pues puede tratar desde fundamentos y causas, hasta sentido y finalidad.

La pequeña mariposa, siguiendo su relato, afirmó que, aunque fascinada con la humanidad por haber despertado para el conocimiento, cree que solo habrá armonía en la Tierra cuando ellos (los humanos) comprendan la naturaleza de su propia existencia. Y que sólo trascendiendo esta esencia es que se podrá llegar a la plenitud del conocimiento.

El Sol, contento y satisfecho con la exposición de la pequeña entidad, se lo agradeció. Y deseando buena suerte a su amiga Tierra, hizo votos de que el tan precioso “conocimiento” de la humanidad alcanzara la esencia de la “creación”.



A última vez Kai Lawrence

“[...] o espírito da perversidade. Esse espírito a filosofia não leva em consideração. Mas eu não estou mais certo de que minha alma vive quanto estou certo de que essa perversidade é um dos impulsos mais primitivos do coração humano — uma das faculdades, ou sentimentos, primárias e indivisíveis que dão direção ao caráter do homem.”

— Edgar Allan Poe

O ar denso do cômodo gélido adentra minhas narinas, evasivo. Sobre a mesa de mármore perfeitamente polido, minha mão se aperta contra o cabo da faca, a lâmina reluzindo em contraste com a luz ofuscante da minha cozinha. Foquei meus olhos em seu brilho polido; em minha mente a reflexão sobre aquele pequeno passaporte de vidas para o doce inferno, vidas essas que, em algum futuro certo e não distante, irão se dissipar diante de meus orbes oculares como névoa.

Morte.

Sim. A vil fome de sangue sendo uma das únicas coisas que conseguem despertar a excitação morta entre as nuances do meu atual existir. A adrenalina é injetada nas veias de um miserável moribundo.

Dizem que não sinto nada, que sou imutável, gélido, indiferente. *Mentira.*

Eles não são nada, não mais que idiotas, desprezíveis e enfadonhos. Por que se prender a algo tão dispensável? Nunca uma equação foi tão básica.

Ainda dizem, também, que sou sem escrúpulos, apático, sádico. Talvez isso, sim, carregue alguma veracidade.

É isto que me desperta: a vida que se expira como um sopro jogado ao infinito vácuo. Uma bela arte, um anseio intrínseco que algo como eu, que deixei de ser alguém há muito tempo, se deleita com o poder que essa obscura dádiva traz.

Procuram meu rastro de sangue por muitos anos. Eles não percebem que eles próprios construíram meu legado. Como insetos em minha teia, rastejam atrás de migalhas que quero deixar, peças de xadrez em meu jogo; e continuam em busca de justiça. — De que sua justiça serviria, afinal? Ela nunca vai trazer ninguém de volta.

Tudo é uma besteira.

Algumas vezes me peguei pensando sobre o que eu era. A psicanálise afirma ter alguma propriedade no assunto, os leigos destilam conhecimentos rasos sobre os monstros.

Mas quão raso de minha mente eles afirmam conhecer? Qual nanômetro de noção eles possuem quanto ao comportamento dos anormais? Tudo é frívolo, superficial. É inútil. Você só lê o que quero deixar transparecer, o que me importa. Foi assim que estipularam meu *modus operandi*.

Genitálias arrancadas, bocas costuradas em linha negra e mãos decepadas demonstram que posso estar tirando a vida de pessoas para vingar homens pedófilos, a corja.

Eu fazia a fábula que eles queriam. As pessoas sempre acreditam no mais conveniente, quando a verdade é que eles só tocaram o que não deviam, apenas ousaram violar o que nunca deixou de me pertencer. E talvez a polícia pudesse perceber que sou uma constante na vida de todas as mulheres romanticamente envolvidas com esses homens, se não fosse meu paradeiro incerto e os movimentos por todo o mundo, se não fossem as provas implantadas na vida dos meus alvos ao longo da caçada.

Vamos lá. É muito fácil que um pai, com sangue nos olhos, receba a polícia em casa com fotos de sua filha abusada, afirmando-lhe que um bastardo qualquer estava com esses arquivos em seu domínio, e ele acredite (as pessoas são previsíveis, pois são as emoções que as ditam; a raiva principalmente).

No fim, toda essa orquestra é puxada por linhas e sou eu quem está no centro do controle. Sou eu.

O tremor do metrô faz com que os móveis se chocalhem com o piso inconstante perto da estação, mas não incomoda minha irmã de vinte anos que dorme como um anjo em seu quarto, indiferente às mazelas que a cercam.

Já se passam das duas da manhã, é o que o relógio digital sobre o armário branco indica.

A hora dos demônios se aproxima, hum?

Não muito tempo passado — há exatos dois dias — havia tomado um nome e o mantido em um lugar aleatório nos arredores de Detroit.

É a hora da retaliação, pois.

Quase nada anda pelos becos podres da decadente cidade, quando saio de casa. Com exceção de drogados, prostitutas e assassinos de meia-boca, nenhuma alma além jaz entre meu caminho. Em algum beco escuro, entretanto, vozes me fazem cessar a caminhada.

— Sua vadia dos infernos! — esbraveja uma voz masculina seguida de um estalar. O corpo masculino avança sobre uma jovem mulher ao impor uma arma em sua direção após desferir um tapa em sua face de porcelana.

Coloco as mãos no sobretudo azul escuro.

— Não, não, *por favor* — ela clama entre lágrimas. Eles sempre imploram, não percebendo que isso é um mero combustível. *Patéticos*. — Nunca mais vou fugir de casa. Eu não ia à polícia denunciar você. Eu juro, amor! — Afinal, ele será tão burro para não perceber que ela está blefando levianamente?

As marcas em todo o corpo e rosto deixam claro que ela o odeia, a bolsa em suas costas denuncia que não estava indo apenas ao Walmart. A denúncia poderia não vir pelo temor, mas isso seria o de menos para ele. Fugir significaria para ele a perda de seu brinquedo, isso seria a gota d'água.

Seu captor avança sobre ela e agarra seu pescoço, levando sua outra mão até a altura da coxa.

Um erro. O revólver fica perto demais da pequena e astuta mão.

E, como eu prevejo, perceptiva, ela ataca quando ele desce o rosto até seu pescoço delgado.

Mal tem tempo de reagir. Dois tiros anunciam fogo.

Ela teve a decência de erguer a arma, sem se afastar, e infligir a morte

ao indivíduo que antes a tinha em suas garras. Interessante. Geralmente esse é o sexo mais frágil e entediante com que lidar.

Olhos cristalinos se voltam para mim e, de súbito, se arregalam, crispando em surpresa.

Vi-me tão entretido com a pequena cena que, imerso, não me afastei e um pouco permaneci na penumbra.

— Você viu — há uma leve tremulação nas palavras, o nervosismo ainda aparente, mas o susto se esvai, dando vez à determinação.

— O que, querida? Eu não vi nada além de você fugindo das garras de um monstro. — Incorporar o personagem é tão fácil... — Você está bem?

— E-eu... Eu não devia tê-lo matado... N-não sou como ele. — Às vezes me escapa da memória que ações desse nível de "horror" não são exatamente bem aceitas na natureza humana. Eu nunca saberei como é a sensação que ela está enfrentando agora. Arrependimento? Surpresa? Repulsa? Medo? Não poderia dizer que experimentei alguma sequer. — Mas eu não podia mais deixar alguém roubar minha vida. Muito menos arruinar. — A pequena criatura ergue o revólver em minha direção, com determinação nos olhos. — É a última vez que tomam (a vida) de mim.

Não tirei meus olhos dos seus que brilhavam em surto quando o tiro atravessou a luz fraca do beco e residiu em meu peito.

Nada de muito interessante, exatamente como sempre imaginei que seria.

Embora eu possa, então, abraçar a única coisa que um dia pude de fato sentir na vida — a vil dor. Quando meu corpo cai ao chão, sei que tenho um riso nos lábios, porque a morte amiga vela meu leito em meu último suspiro.

— A madrugada de quinta em Detroit foi regada a mortes e horror. — A voz da jornalista era profissional. — Uma mulher que tentava escapar de seu marido e também agressor enfrentou o dia mais aterrorizante de sua vida, disse ela. Segundo a jovem de vinte seis anos, enquanto tentava fugir de Mike Peterson, o homem que a mantinha presa em casa sob condições de violência e abusos, foi interceptada pelo agressor e se viu desesperada com a possibilidade de voltar para a rotina dolorosa. No momento da abordagem, um homem que por ali passava apareceu e tentou ajudá-la, mas as chances de conseguir eram mínimas, uma vez que havia uma arma envolvida. Chase Lambert foi morto com um tiro à queima-roupa, não tendo como se defender. Ela relatou que, mesmo em choque com toda aquela cena sangrenta, conseguiu tomar a arma de Mike enquanto ele se distraiu, e precisou atirar em legítima defesa. As investigações apontam que as circunstâncias levam à veracidade do depoimento da vítima, mas o caso ainda segue em aberto. É um alívio para toda a sociedade a notícia de que uma mulher vítima de um mundo enraizado pelo feminicídio escapa das garras de um agressor — é uma vida que volta a brilhar novamente. E fica a comoção por Chase, o homem de bom coração que lutou em socorro de uma causa tão humana, mas que, infelizmente, se foi...

Cora Lambert não consegue terminar de assistir ao noticiário. Seu celular, onde a página está aberta no vídeo, treme em sua mão. Isso é sobre o seu irmão, que agora está morto.

Sua morte havia sido anunciada a ela apenas há um par de dias. Ele fora o homem que ficará sempre conhecido pelo ato heroico, que morreu fazendo uma boa causa. Ela acreditou nisso quando

recebeu a trágica notícia — e como não acreditaria? Sempre foi carinhoso, um homem carismático e que sempre fez o bem.

Mas agora Cora não consegue mais ver seu irmão assim.

Não diante de um pequeno depósito do porão de sua casa — no covil de um assassino.

Por Deus, ela mal pode pronunciar aquilo em palavras ditas, talvez também pela bile que quer subir por sua garganta.

Um grito cortou o ambiente minutos atrás, quando viu a parede recheada de fotos. De corpos. Homens mortos e em situações aterrorizantes estão diante de seus olhos através das imagens. Assim como arquivos, informações de crimes, reportagens sobre assassinatos ocorridos nos últimos anos, que, inclusive, assustaram-na nos noticiários.

Mal sabia que estava do lado do perigo o tempo todo.

Ela não precisa de muito para raciocinar o óbvio: Chase era um dos *serial killers* mais procurados dos Estados Unidos.

— Alô — murmura ao telefone, quando a polícia atende sua ligação, ainda chorando e encarando o espetáculo de horror. — Eu t-tenho algo na minha casa...

E o faria com um sopro de alívio no coração.

Pois é o fim.

Aquela noite em que ele se foi havia sido a última vez que o monstro teve poder sobre vidas.



La última vez Kai Lawrence

[...] el espíritu de la perversidad. Este espíritu la filosofía no lo tiene en cuenta. Pero ya no estoy seguro de que mi alma viva tanto como estoy seguro de que esa perversidad es uno de los impulsos más primitivos del corazón humano - una de las facultades, o sentimientos, primarios e indivisibles que dan dirección al carácter del hombre.

— Edgar Allan Poe

El aire denso de la fría habitación entra en mis fosas nasales, evasivo. Sobre la mesa de mármol perfectamente pulido, mi mano se aprieta contra la empuñadura del cuchillo, la hoja reluciendo en contraste con la luz deslumbrante de mi cocina. Enfoco mis ojos en su brillo, en mi mente reflexionando sobre ese pequeño pasaporte de vidas para el dulce infierno. Vidas que, en algún futuro cierto y cercano, se disiparán ante mis ojos como la niebla.

Muerte.

Sí. La vil hambre de sangre siendo una de las únicas cosas que pueden despertar la excitación muerta entre los matices de mi actual existir. La adrenalina es inyectada en las venas de un miserable moribundo.

Dicen que no siento nada, que soy inmutable, frío, indiferente. Mentira.

Ellos nada son, no más que idiotas, despreciables y aburridos. ¿Por qué afeerrarse a algo tan dispensable? Nunca una ecuación fue tan básica.

Todavía dicen que soy sin escrúpulos, apático, sádico. Quizá esto, sí, conlleve algo de veracidad.

Eso es lo que me despierta; la vida que se expira como un soplo lanzado al infinito vacío. Una bella arte, un anhelo intrínseco que algo como yo, que dejé de ser alguien hace mucho tiempo, se deleita con el poder que esa oscura dádiva nos trae.

Buscan mi rastro de sangre desde hace muchos años. Ellos no se dan cuenta de que construyeron mi legado. Como insectos en mi tela, que reptan tras las migajas que quiero dejar, piezas de ajedrez en mi juego, y continúan en busca de justicia. - ¿De qué su justicia serviría, después de todo? Nunca traerá a nadie de vuelta.

Todo es tontería.

Algunas veces me he sorprendido pensando en lo que era. El psicoanálisis afirma tener alguna propiedad sobre el tema, los profanos destilan conocimientos superficiales sobre los monstruos.

Pero ¿cuán superficial de mi mente ellos dicen conocer? ¿Cuál es el nanómetro de noción sobre el comportamiento de los anormales? Todo es frívolo, superficial. Es inútil. Solo leen lo que quiero dejar transparente, lo que me importa. Así establecieron mi *modus operandi*.

Genitales arrancados, bocas cosidas con hilo negro y manos cercenadas demuestran que puedo estar quitando la vida de personas para vengar a hombres pedófilos, la escoria.

Hice la fábula que querían. Las personas siempre creen en lo más conveniente.

Cuando la verdad es que ellos solo tocaron lo que no debían, solo se atrevieron a violar lo que nunca dejó de pertenecerme. Y quizá la policía pudiera darse cuenta de que soy una constante en la vida de todas las mujeres románticamente implicadas con esos hombres; si no fuera mi paradero incierto y movimientos por todo el mundo; si no fueran por las pruebas que ha implantado en la vida de mis objetivos a lo largo de la caza.

Vamos, es muy fácil que un padre, con sangre en los ojos, reciba a la policía en su casa con fotos de su hija abusada, afirmando que algún bastardo tenía esos archivos en su dominio y él lo crea; porque las personas son predecibles, pues son las emociones las que las dictan. La ira principalmente.

Al final, toda esta orquesta es tirada por líneas, y soy yo el que está en el control.

El temblor del metro hace que los muebles tiemblen en el suelo inestable cerca de la estación, sin molestar a mi hermana de veinte años que duerme como un ángel en su habitación, indiferente a las desgracias que la rodean.

Son más de las dos de la mañana, como indica el reloj digital sobre el armario blanco. La hora de los demonios se acerca, ¿no lo es?

Hace solo dos días, tomé un nombre y lo dejé en algún lugar al azar en las afueras de Detroit.

Es hora de la venganza.

Casi nada se mueve por los callejones podridos de la decadente ciudad cuando salgo de casa. A excepción de los drogadictos, las prostitutas y los asesinos de medio pelo, no hay nadie más en mi camino. Sin embargo, en algún callejón oscuro escucho unas voces que me hacen detenerme.

— “¡Maldita perra del infierno!”, grita una voz masculina, siguiendo un ruido de golpe. El cuerpo masculino se abalanza sobre una joven mujer apuntándole un arma después de darle una bofetada en su rostro de porcelana. Pongo mis manos en mi abrigo azul oscuro.

— “No, no, por favor”, suplica la chica entre lágrimas.

Siempre suplican, sin darse cuenta de que eso es solo combustible. Patéticas.

— “Nunca volveré a huir de casa. No iba a denunciarte ante la policía. Lo juro, amor”.

¿Acaso él será tan estúpido como para no darse cuenta de que ella está mintiéndole descaradamente?

Las marcas en todo su cuerpo y cara dejan claro que lo odia, su bolso en su espalda denuncia que no solo iba al Walmart. La denuncia podría no venir por miedo, pero eso sería lo de menos para él. Huir significaría para él la pérdida de su juguete, sería el colmo.

Su captor se abalanza sobre ella y agarra su cuello, llevando su otra mano hacia su muslo.

Un error.

El revólver está demasiado cerca de la pequeña y astuta mano.

Como predije, perceptiva, ella ataca cuando él baja su rostro hasta su delgado cuello. Apenas tiene tiempo de reaccionar. Dos disparos anuncian el fuego.

Ella tuvo la decencia de levantar el arma, sin alejarse, e infligir la muerte al individuo que antes la tenía en sus garras. Interesante. Por lo general, ese es el sexo más débil y aburrido con el que se tiene que tratar.

Ojos cristalinos se vuelven hacia mí y, de repente, se agrandan, crispando en sorpresa.

Me vi tan entretenido con la pequeña escena que, sumergido, no me alejé y tampoco permanecí en la penumbra.

— ¿Viste? — hay un leve temblor en las palabras. El nerviosismo aún es aparente, pero el susto se desvanece, dando lugar a la determinación.

— ¿Qué, querida? No vi nada más que alguien huyendo de las garras de un monstruo. — Incorporar al personaje es tan fácil. — ¿Estás bien?

— Yo... Yo no debería haberlo matado... No soy como él.

A veces se me escapa de la memoria que acciones de este nivel de “horror” no son exactamente bien vistas por la naturaleza humana. Nunca sabré cómo es la sensación que ella enfrenta ahora. ¿Arrepentimiento? ¿Sorpresa? ¿Rechazo? ¿Miedo? No podré decir que probé ninguno siquiera.

— Pero no podía dejar que alguien más me robara la vida. Incluso que me la arruinara.

La pequeña criatura levanta la pistola en mi dirección, con determinación en los ojos.

— Es la última vez que me quitan algo.

No aparté mis ojos de los suyos que brillaban en ataque cuando el disparo atravesó la luz tenue del callejón y se alojó en mi pecho.

Nada demasiado interesante, exactamente como siempre imaginé que sería.

Aunque pueda, pues, abrazar lo único que en un día pude sentir de verdad en la vida: el dolor vil. Cuando mi cuerpo cae al suelo, sé que tengo una sonrisa en los labios porque la muerte amiga vela mi lecho en mi último suspiro.

— El amanecer del jueves en Detroit fue regado por muerte y horror. — Decía a voz de la periodista profesional. — Una mujer que intentaba escapar de su marido y también agresor enfrentó el día más aterrador de su vida, dijo ella. Según la joven de veintiséis años, mientras intentaba huir de Mike Peterson, el hombre que la mantenía presa en casa bajo condiciones de violencia y abusos, fue interceptada por el agresor y se vio desesperada con la posibilidad de volver a la rutina dolorosa. En el momento del abordaje, un hombre que por allí pasaba apareció y trató de ayudarla, pero las posibilidades de lograrlo eran mínimas, ya que había un arma involucrada. Chase Lambert fue muerto con un tiro a quemarropa, sin posibilidad de defenderse. Ella relató que, incluso en estado de choque por toda esa escena sangrienta, logró tomar el arma de Mike mientras él estaba distraído y tuvo que disparar en legítima defensa. Las investigaciones apuntan a que las circunstancias llevan a la veracidad del testimonio de la víctima, pero el caso aún está abierto. Es un alivio para toda la sociedad la noticia de que una mujer víctima de un mundo enraizado en el feminicidio ha escapado de las garras de un agresor, es una vida que vuelve a brillar. Y también queda la conmoción por Chase, el hombre de buen corazón que luchó en favor de una causa tan humana, pero que, desafortunadamente, se fue.

Cora Lambert no puede terminar de ver el noticiero. Su celular, en la página del video, tiembla en su mano. Esto es sobre su hermano, que ahora está muerto.

Su muerte le había sido anunciada solo hace un par de días. Él es el hombre que siempre será conocido por su acto heroico, muerto haciendo algo bueno. Ella creyó en eso cuando recibió la trágica noticia — ¿Cómo no creer en eso? Siempre fue cariñoso, un hombre carismático y siempre hizo el bien.

Pero ahora Cora ya no podía ver a su hermano de esa manera.

No ante un pequeño depósito en el sótano de su casa — la guarida de un asesino.

¡Dios mío! Apenas pudo pronunciar esas palabras, tal vez por la bilis subiendo en su garganta.

Un grito cortó el ambiente minutos atrás, cuando vio la pared llena de fotos de cuerpos. Hombres muertos, en situaciones terroríficas, están frente a sus ojos a través de las imágenes. Al igual que archivos, información sobre crímenes, noticias sobre asesinatos ocurridos en los últimos años.

Sin saber que estuvo al lado del peligro todo el tiempo.

No necesita mucho para razonar lo obvio: Chase era uno de los asesinos en serie más buscados de los Estados Unidos.

— Hola — murmura al teléfono cuando la policía responde a su llamada. Todavía llorando y enfrentando el espectáculo de horror, dice:

— Tengo algo en mi casa.

Lo haría con un soplo de alivio en el corazón.

Es el fin.

Esa noche fue la última vez que el monstruo tuvo poder sobre vidas.

Vai passar

Alfonsina Pereira

VAI PASSAR. Escuto. Ou na sua outra versão: passa rápido. Que sentido há no uso dessas palavras tão expressamente utilizadas nas diferentes circunstâncias atuais? Que sentimentos podem ser mobilizados ao escutá-las? Quantas vezes você é colocado no contínuo desse universo do “vai passar” que sequer é compreensível? Eu estou há exatos dezoito meses. O vai passar não passou, segue sendo uma espera. Mas esperar o quê? O que tenho que promover dentro de mim ao escutar o “vai passar”?

“Vai passar”, dizem eles. E eu? Eu fico buscando no tempo e no espaço, meio bronca, a dissipação das minhas angústias, das minhas necessidades, dos meus medos, do meu cansaço... e nada. Não passa. Será que precisa repetir? Pergunto a mim mesma. Não. Será que tem que mentalizar ou passar o mantra adiante?

Não, amiga, vai passar. Tudo passa. – eu discursivo e espero alguma compreensão, alguma modificação desse conceito abstrato de resiliência que mais parece um ritual de passividade.

Não funcionou. Não passou.

E se ao invés de um “vai passar”, carregado desta positividade, tóxica, eu diria, apenas o silêncio ou, mais difícil ainda, a escuta?

Será que não passaria?

Va a pasar

Alfonsina Pereira

VA A PASAR. Escucho. O su otra versión: pasa rápido. ¿Qué sentido hay al usar esas palabras tan expresamente utilizadas en las diferentes circunstancias actuales? ¿Qué sentimientos pueden ser movilizados al escucharlas? ¿Cuántas veces uno es puesto en el continuo de ese universo del “va a pasar” que siquiera es comprensible? Llevo exactamente dieciocho meses. El “va a pasar” no ha pasado, sigue siendo una espera. Sin embargo, ¿qué esperar? ¿Qué tengo que promover dentro de mí al escuchar el “va a pasar”?

“Va a pasar”, dicen ellos. Y ¿yo? Me encuentro buscando en el tiempo y en el espacio, un poco de bronca, la disipación de mis angustias, de mis necesidades, de mis miedos, de mi cansancio... y nada. No pasa. ¿Será que precisa repetir? Me pregunto a mí. No. ¿Hay que mentalizar o transmitir el mantra?

No, amiga, va a pasar. Todo pasa. – discursivo y espero alguna comprensión, alguna modificación de ese concepto abstracto de resiliencia que más parece un ritual de pasividad.

No funcionó. No pasó.

¿Y si al revés de un “va a pasar”, cargado de esta positividad, tóxica, diría, solo el silencio o, aún más difícil, la escucha?

¿Será que no pasaría?

Ọkàn: oblivio et óneiro

Natanaely Nunes

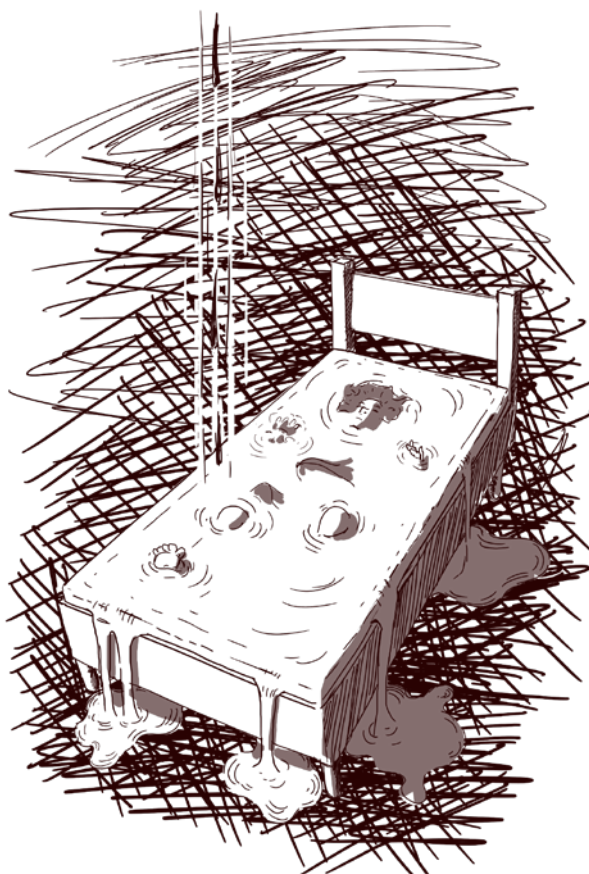
Quero esquecer. Era tudo que ele conseguia falar, entre gemidos, balbucios e gritos; era tudo que ele queria fazer. A maioria das pessoas gostaria de lembrar, a maioria das pessoas não consegue lembrar, a maioria das pessoas não se lembra. Não se encaixa, não cabe, não faz sentido, tido-tido, ele ter partido, fragmentado e desestruturado, ter ficado abalado ao lado de seus pensamentos.

Ọkàn era jovem, tinha por volta de quinze anos e, nas vésperas do seu décimo sexto aniversário sofrera esse castigo. Do que se trata? Bem, dádiva a uns, castigo a outros, a ele foi dado o destino de nunca se esquecer de nada em nenhum momento da sua existência. Todos os dias se passavam e mais e mais ele acumulava conteúdo em seu âmago.

A única solução seria a privação de seus sentidos. Se ele não visse, não ouvisse, não falasse, não sentisse cheiro, sabor, textura, frio e calor. Só assim ele não mais lembraria de tudo. Ele estaria em paz. A morte era o que ele pretendia.

O dia do seu aniversário. Ele estava há mais ou menos duas horas com a sensação de carregar todo conteúdo do mundo nas costas, ou melhor, na cabeça. Já não aguentava mais, tentou reduzir ao máximo a exposição aos estímulos que seus sentidos estavam sujeitos. Se viu em uma sala escura, vazia, sem nada nem ninguém.

Não tinha mais nada novo, então começou a lembrar de tudo que contemplou em seus dezesseis anos de vida, ao mesmo tempo. Estava decidido, ia morrer nesse momento. Correu até a ponte, pulou. Acordou todo molhado ao perceber que tudo aquilo era um sonho e que havia uma goteira derramando água em sua cama. Ficou feliz em perceber que tudo era um sonho e, ao mesmo tempo, aliviado por ter o dom do controle sobre suas memórias, de poder lembrar, esquecer, viver e permanecer, ser.



Ọkàn: oblivio et óneiro

Natanaely Nunes

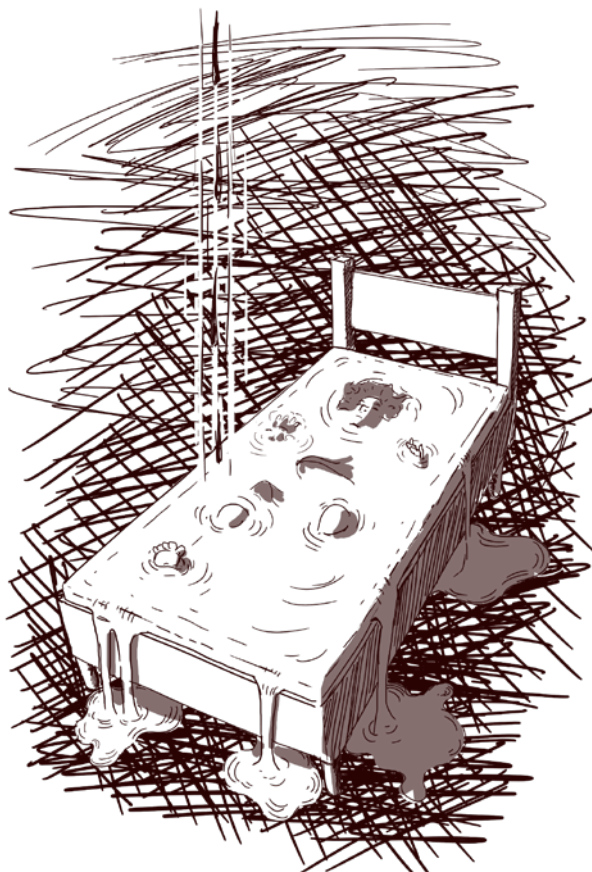
Quiero olvidar. Era todo lo que él podía decir, entre gemidos, balbuceos y gritos; era todo lo que quería hacer. La mayoría de la gente quisiera recordar, la mayoría de la gente no puede recordar, la mayoría de la gente no recuerda. No encaja, no cabe, no tiene sentido, él haber partido, fragmentado y desestructurado, haber quedado pasmado junto a sus pensamientos.

Ọkàn era joven, tenía alrededor de quince años y, en vísperas de su decimosexto cumpleaños, había sufrido este castigo. ¿De qué se trata? Bueno, para algunos dádiva y castigo para otros castigo, pero a él se le había dado el destino de nunca olvidar nada en ningún momento de su existencia. Cada día pasaba y acumulaba más y más contenido en su ser.

La única solución sería privarle de sus sentidos. Si no veía, no oía, no hablaba, no sentía olores, sabores, texturas, frío ni calor. Solo así dejaría de recordarlo todo. Él estaría en paz. La muerte era lo que pretendía.

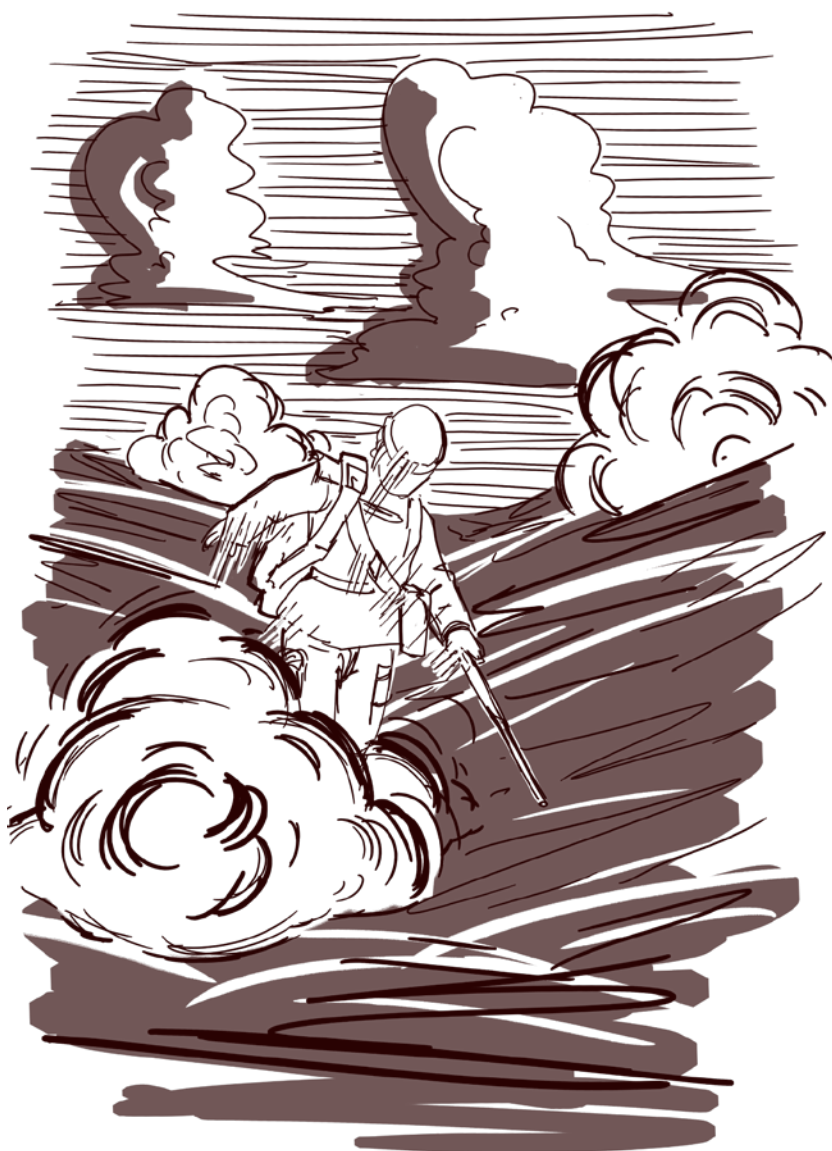
Llegó el día de su cumpleaños. Llevaba unas dos horas sintiendo como si cargara todo el contenido del mundo sobre sus hombros, o mejor dicho, sobre su cabeza. Ya no podía soportarlo más, trató de reducir al máximo la exposición a los estímulos a los que sus sentidos estaban sujetos. Se encontró en una habitación oscura, vacía, sin nada ni nadie.

Ya no había nada nuevo, así que comenzó a recordarlo todo lo que había contemplado en sus dieciséis años de vida, al mismo tiempo. Estaba decidido a morir en ese momento. Corrió hasta el puente y se lanzó. Se despertó todo mojado al darse cuenta de que todo había sido un sueño y que había una gotera que estaba dejando caer agua en su cama. Se sintió feliz al darse cuenta de que todo había sido un sueño y, al mismo tiempo, aliviado, por tener el don de controlar sus recuerdos, de poder recordar, olvidar, vivir, permanecer y existir.



Chuva ácida

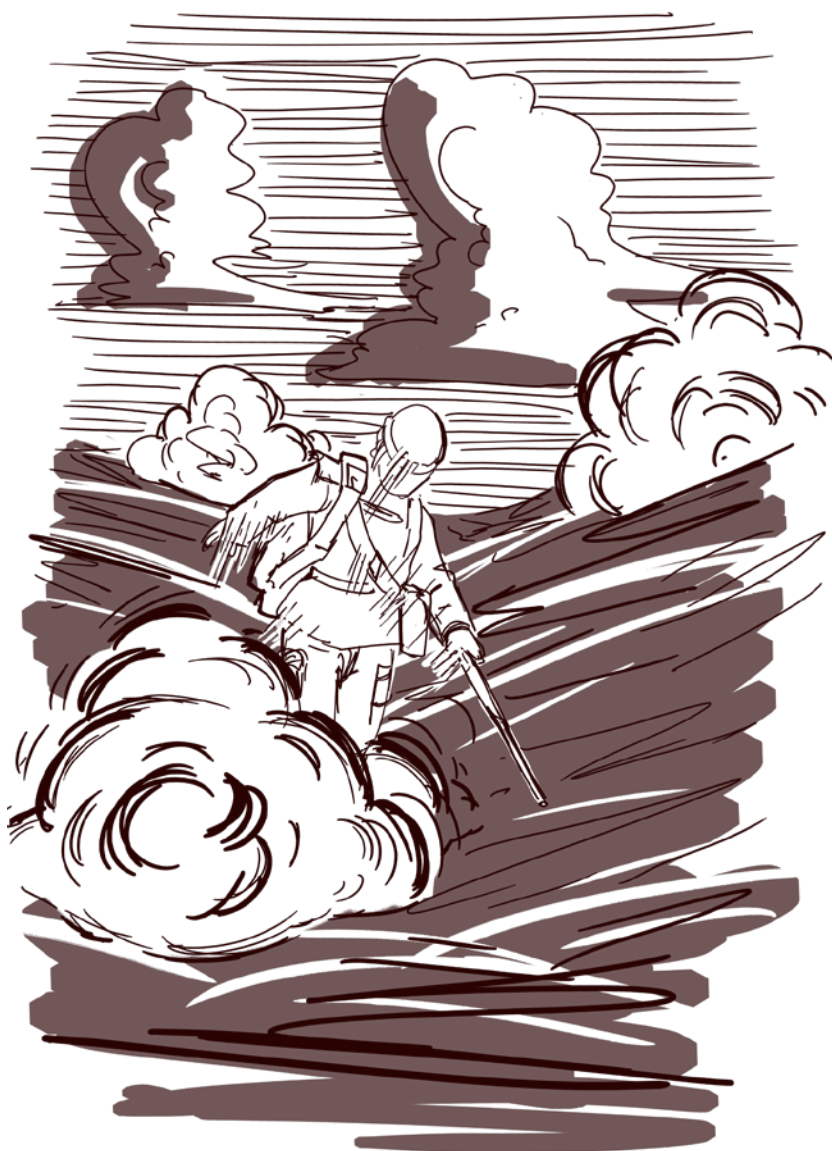
Carlos Brito



Quando fui fugitivo, eu vivi num campo minado. Andava sempre cambaleando vertiginosamente, perto do inatingível e talvez distante do inalcançável. Um passo em falso e eu explodiria. Era assim que me sentia internamente também. Um passo em falso e eu explodiria. Eu pisava em ovos quando conversávamos e eu era ainda fugitivo. Tem um pouco de segredo na forma como eu lhe aparecia. Era minha brincadeira de criança. A brincadeira do menino-fugitivo. Ela tinha um fingimento cínico e sabia apenas que eu morava entre bombas. Meu repouso era entre duas dinamites. Uma delas era ela. Quando eu a vi pela última vez e disse-lhe que estava indo embora, ela explodiu e me matou. Ela era algo entre fundamentalista e terrorista. Eu era algo entre insolente e culpado. Agora éramos passado. O campo minado já não fazia sentido, mas eu não sabia aonde ir agora. Pois, que lugar me abraçaria? E eu pedia desesperadamente em grito rasgado e lamentação incauta. Era inútil. Eu era agora a sombra da bomba que me destruiu. Eu era fumaça e meu destino seria a dispersão. Um dia, uma nuvem me abraçou e chorou uma chuva dolorosa.

Lluvia ácida

Carlos Brito



Cuando fui fugitivo, viví en un campo minado. Caminaba siempre tambaleándose vertiginosamente, cerca de lo inalcanzable y quizás lejos de lo inalcanzable. Un paso en falso y explotaría. Así también me sentía internamente. Un paso en falso y explotaría. Caminaba pisando huevos cuando conversábamos y aún era fugitivo. Había un poco de secreto en la forma en que me presentaba ante ti. Era mi juego de niños. El juego del niño fugitivo. Ella tenía un fingimiento cínico y sólo sabía que yo vivía entre bombas. Mi descanso estaba entre dos dinamitas. Una de estas era ella. Cuando la vi por última vez y le dije que me iba, ella explotó y me mató. Era algo entre fundamentalista y terrorista. Yo era algo entre insolente y culpable. Ahora éramos pasado. El campo minado ya no tenía sentido, pero no sabía a dónde ir ahora. ¿Qué lugar me abrazaría? Y pedía desesperadamente en un grito desgarrador y una lamentación imprudente. Era inútil. Ahora era la sombra de la bomba que me destruyó. Era humo y mi destino sería dispersarme. Un día, una nube me abrazó y lloró una lluvia dolorosa.

Véu

Maylla Rolim de Souza Araújo

Com os pés descalços no chão, o suor a escorrer pela testa e as bochechas rosadas pelo esforço da corrida e pela raiva, ela olha o irmão parar a bicicleta repentinamente fazendo a poeira subir. Ele a olha com desdém e se nega a devolver-lhe o disputado brinquedo. Ela reclama irritada e de longe ouve a voz do pai:

— Minha filha, não perca sua meiguice!

Tal frase, mil vezes repetida. E os ouvidos calejados de ouvi-la, mas o sentido nunca apreendido.

“Não perca sua meiguice.” O mantra ecoa em sua mente, mas não acalma. Qual o sentido? Não perder a meiguice enquanto algo lhe é tirado? Enquanto algo lhe é negado?

Não perder a meiguice...

Não se impor? Não ser contra algo com que não concorda? Não falar quando acha necessário? Calar? Calar!

Os pés descalços tocam o chão. A energia da Mãe-Terra parece subir da planta do pé e enraizar no peito. A compreensão chega ao cérebro e aos olhos; antes com lágrimas por causa do brinquedo que lhe foi tirado, agora conseguem enxergar tudo muito bem.

Não perder a meiguice.

Sob um manto de “afeto”, sufocar ideias.

Sob um manto de “carinho”, sufocar opiniões.

Sob um manto de “cuidado”, sufocar sonhos.

Sob um véu que não sabe que está matando, sufocar.

Sufocar!

Velo

Maylla Rolim de Souza Araújo

Con los pies descalzos en el suelo, el sudor corriendo por su frente y las mejillas sonrosadas por el esfuerzo de la carrera y la rabia, ella ve a su hermano detener la bicicleta de repente haciendo que se levantara el polvo. Él la mira con desdén y se niega a devolvérselo el juguete en disputa. Ella se queja irritada y desde lejos escucha la voz de su padre:

— ¡Hija mía, no pierdas tu dulzura!

Tal frase, mil veces repetida. Los oídos callosos de escucharla, pero el sentido nunca aprehendido.

“No pierdas tu dulzura.” El mantra resuena en su mente, pero no se calma. ¿Cuál es el sentido?

¿No perder la dulzura mientras te quitan algo? ¿Mientras te niegan algo?

No perder la dulzura...

¿No imponerse? ¿No estar en contra de algo con lo que no estás de acuerdo? ¿No hablar cuando lo crees que es necesario? ¿Callar?

¡Callar!

Los pies descalzos tocan el suelo. La energía de la Madre Tierra parece elevarse desde la planta del pie y arraigarse en el pecho. La comprensión llega al cerebro y los ojos, antes con lágrimas por el juguete que se les quitaron, ahora pueden verlo todo muy bien.

No perder la dulzura.

Bajo un manto de “afecto”, sofocar las ideas.

Bajo un manto de “cariño”, sofocar opiniones.

Bajo un manto de “cuidado”, sofocar sueños.

Bajo un velo que no sabe que está matando, sofocar.

¡Sofocar!

Alegria versus felicidade

Monyeli Rodrigues

O coração bate cada vez mais rápido e a respiração cada vez se vê mais lenta.

Talvez o fim esteja chegando... ou apenas eu, querendo que seja o fim.

Mas não sei se é a minha vontade ou se, de fato, é a realidade.

É estranho sentir um vazio no peito e, ao mesmo tempo, estar tão cheia de tudo.

Sentir um aperto, mas se sentir solta.

É como um passarinho em uma jaula. O pobre tem asas, mas seu voo é limitado pelas grades. Ele consegue ver além, mas não alcança. Quem sabe ele não se contenha com isso? É a «alegria» de ainda não ter conhecido a felicidade.

Alegría versus felicidad

Monyeli Rodrigues

El corazón late cada vez más rápido y la respiración cada vez se vuelve más lenta.

Quizás se acerca el final... o solo yo quiero que sea el fin.

Pero no sé si es mi deseo o si es la realidad.

Es extraño sentir un vacío en el pecho y, al mismo tiempo, estar tan llena de todo.

Sentir opresión, pero igual sentirse suelta.

Es como un pájaro enjaulado. El pobre tiene alas, pero su vuelo está limitado por las rejas. Él puede ver más allá, pero no alcanza. ¿Quién sabe no se contente con esto? Es la “alegría” de todavía no haber conocido la felicidad.

Machu Picchu

Benevides Teixeira

Tinha um desejo ávido: conhecer a cidade perdida dos Incas, Machu Picchu.

Ainda aprendiz de viajante, suas escolhas lhe causavam mal-estar ou situações embaraçosas. Fazia suas viagens sozinha, mas nunca, em nenhum momento, solitária. Fazia parte da construção do ser viajante que carregava. Isso lhe permitia olhar o mundo de outra maneira, abrir-se para o outro e compartilhar diferentes conhecimentos, diferentes experiências. Que experiências! Eu diria. Na jornada, portanto, iniciada, encontrou dois amigos argentinos. Charly e Martín. Eram amigos de infância, compartilhavam a vida de rua e de escola. Tinham muito que contar e lhe contaram. Estavam de mochilão, subindo a América do Sul, desde o norte da Argentina até Caracas, Venezuela. Era desejo dela também, mas sua vida de viajante ainda era limitada pelo dinheiro e pela academia.

A escolha, barata, do percurso contava com um caminho longo - carro, combi, caminhada. O trajeto denso, perigoso e arriscado. A estrada estreita limitava-se a um despenhadeiro do lado constantemente. O motorista levava uma vida um tanto “vida louca”, o que deixava tudo mais intenso e instigante. Por fim, a parada. Depois de horas de percurso, subidas e descidas, chegou ao povoado, ponto de partida para a cidade sagrada. O descanso merecido, pensou ela. A orientação do guia foi de que todos dormissem cedo, já que começariam a subir às quatro e meia da manhã para desfrutar do nascer do sol. Pois sim. Isso desejou. Mas a noite... que noite! O povoado era um charme. A energia telúrica era inexplicável. Fazia um frio agradabilíssimo. Então, a decisão. Tomariam uma bebida. Sim. Isso

fariam. Era necessário fazê-lo em comemoração ao que estavam vivendo. Começaram com um vinho, dois vinhos. Não tenho certeza de quantos. O restaurante fechou. Caminharam um pouco mais e um barzinho aberto. Agora umas cervejas. Não tinham mais noção de horas. Mas, pelas tantas, voltaram para o descanso.

Antes, o despertador. O tempo passou. O objeto que tinha a função árdua de acordá-los tocou uma vez, duas... na terceira, ninguém escutava. Em um momento, o susto. Ela se dava conta. Levantou de salto e despertou os argentinos. Começava a correria, a subida, o *soroche*. O sol já estava alto, o trajeto ficou vagaroso. Um dos meninos não respirava. As paradas eram constantes e a energia inebriante. Então, chegaram. O suspiro foi longo. A emoção... uma put* emoção!

Caminharam por cada espaço vagorosamente e perdiam a noção de tempo. Assim sendo, perderam o horário da *Huayna Picchu*. Paravam constantemente. Suspiravam incredivelmente. Tudo era lindo, era harmonioso e tem esse negócio de um campo de energia... sei lá como chamam... surreal e indescritível. No desejo de serem esquecidos ali, foram os últimos a sair. Perderam o trem, claro. Dormiram essa noite no povoado. Pela manhã, a caminhada, o táxi compartilhado, a carona, o caminho, o cansaço... também contentamento. Era véspera de Natal.



Machu Picchu

Benevides Teixeira

Tenía un deseo ávido: conocer la ciudad perdida de los Incas, Machu Picchu. Aún aprendiz de viajera, sus elecciones le causaban malestar o situaciones vergonzosas. Viajaba sola, pero nunca, en ningún momento, se sentía solitaria. Era parte de la construcción de su ser viajera que cargaba. Esto le permitía mirar al mundo de otra manera, abrirse al otro y compartir diferentes conocimientos y experiencias. ¡Qué experiencias! Yo diría.

Con el viaje iniciado, encontró dos amigos argentinos: Charly y Martín. Eran amigos de la infancia, compartían la vida en la calle y en la escuela. Tenían mucho que contarle y se lo contaron. Estaban como mochileros, subiendo América del Sur, desde el norte de Argentina hasta Caracas, en Venezuela. También era su deseo, pero su vida de viajera aún estaba limitada por el dinero y por la academia.

La elección barata del recorrido contaba con un largo camino -auto, *combi*, caminata-. El trayecto era denso, peligroso y arriesgado. La carretera estrecha se limitaba al precipicio al lado constantemente. El conductor llevaba una vida un tanto “loca”, lo que dejaba todo más intenso y emocionante. Por fin, la parada. Después de horas de trayecto, subidas y bajadas, llegó al pueblo, punto de partida para la ciudad sagrada. El merecido descanso, pensó ella. La orientación del guía fue que todos se acostaran temprano, ya que empezarían la subida a las cuatro y media de la mañana para disfrutar del amanecer. Pues sí. Eso deseó. Pero la noche... ¡Qué noche! El pueblo era un encanto. La energía telúrica era inexplicable. Hacía un frío agradable. Entonces, la decisión. Tomarían una bebida. Sí. Eso lo harían. Era

necesario hacerlo en celebración a lo que estaban viviendo. Empezaron con un vino, dos vinos. No estoy segura de cuántos. El restaurante cerró. Caminaron un poco más y había un bar abierto. Ahora unas cervezas. Ya no tenían noción de horas. Pero, en las altas horas, volvieron para descansar.

Antes, el despertador. El tiempo pasó. El objeto que tenía la difícil tarea de despertarlos sonó una vez, dos... en el tercer tono, nadie escuchaba. En un momento, el susto. Ella se dio cuenta. Se levantó de un salto y despertó a los argentinos. Comenzó la carrera, la subida, el soroche. El sol ya estaba alto, el trayecto se volvió lento. Uno de los chicos no respiraba. Las paradas eran constantes y la energía era de inebriar. Y entonces, llegaron. El suspiro fue largo. La emoción... ¡una put* emoción!

Caminaron por cada espacio lentamente y perdieron la noción del tiempo. Así, perdieron la hora de la Huayna Picchu. Se detenían constantemente. Suspiraban sin creer. Todo era hermoso, era armónico y había algo de un campo de energía... no sé cómo llamarlo... surrealista e indescriptible. Con el deseo de ser olvidados allí, fueron los últimos en irse. Por supuesto, perdieron el tren. Pasaron esa noche en el pueblo. Por la mañana, la caminata, el taxi compartido, el aventón, el camino, el cansancio... también la satisfacción. Era la víspera de Navidad.



Sobre os organizadores



Adriana Pereira

Adriana Pereira é doutora em Estudos Linguísticos, professora de espanhol do Instituto Federal do Ceará, campus Crato. Pesquisadora dos estudos de língua(gem) e cultura e fascinada pela literatura como forma de entender o mundo. Lidera o grupo de estudos Literolatinos que tem como objetivo analisar as diferentes manifestações culturais e interculturais que aportam a literatura, em prosa e poesia, e a música da América Latina.



José Soares

José Soares Filho é historiador, mestre em Letras e doutorando em Estudos Literários. Pesquisa o sonho em formas narrativas de memória de vida e, atualmente, se interessa pelo estudo do conto latino-americano. Integra os grupos de pesquisa Corpora LLitera, GPLINC e o Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária. É fascinado pela força narrativa do breve, busca compreender como a literatura, em pequenos gestos, desvela mundos inteiros.